



Universidade de Sorocaba

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS GRADUCAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Carla Giuliani

**POLÍTICA PÚBLICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR - PROUNI: UM ESTUDO DE
CASO NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PARTICULAR**

Sorocaba/SP

2013

Carla Giuliani

**POLÍTICA PÚBLICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR - PROUNI: UM ESTUDO DE
CASO NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PARTICULAR**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
do Programa de Pós Graduação em
Educação em Ensino Superior
da Universidade de Sorocaba,
como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Marques

Sorocaba/SP

2013

Ficha Catalográfica

Giuliani, Carla

G446p Política pública na educação superior : ProUni : um estudo de caso numa instituição de ensino superior particular / Carla Giuliani. -- 2013.

74 f.

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Marques

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2013.

CARLA GIULIANI

POLÍTICA PÚBLICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR - PROUNI: UM ESTUDO DE
CASO NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PARTICULAR

Dissertação aprovada como requisito
para obtenção do grau de Mestre no Programa
de Pós-Graduação em Educação da
Universidade de Sorocaba.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

ASS.: _____

Pres.: Prof. Dr. Waldemar Marques- UNISO

ASS.: _____

1º. Exam.: Prof. Dr. Pedro Laudinor Goergen- UNISO



2º. Exam.: Profa. Dra. Kelen Christina Leite - UFSCAR

A você, Mamma, que sempre acreditou que eu conseguiria...

Agradecimentos

Sou uma pessoa abençoada, e na minha caminhada foram muitos os que me ajudaram. Dentre eles destaco o Prof. Sandro Vidotto, que prontamente permitiu que eu estudasse os bolsistas da instituição, a Sra. Filomena Aparecida de Oliveira Leite, que prontamente disponibilizou inúmeros documentos, e ainda deixou a disposição suas assistentes. Agradeço à Sra. Adriana Piovan, por sua presteza em responder a todas as questões levantadas. Agradeço à minha cara amiga Prof. Dra. Josefina de Fátima Tranquilin, que foi sempre muito prestativa em seus conselhos; ao Prof. Dr. Sant'anna, que me deu indicações impecáveis, e à minha amiga Profa. Dra. Maria Carolina, que apesar da distância sempre me encorajou. Também ao Prof. Anderson Fávero, que dividiu comigo as angústias dos prazos por experiência própria.

Agradeço ao corpo docente, que com muita paciência soube ajudar nos momentos mais tensos, com palavras de estímulo e atenção.

Realmente dignos de nota foram a ajuda, a força e o incitamento que meu orientador, Prof. Dr. Waldemar Marques, me concedeu. Sem seu auxílio, eu não teria conseguido.

A todos os egressos que responderam ao questionário e aos que me acolheram em suas casas e rotinas, meu mais profundo agradecimento.

Aos meus tios/irmãos Calixto e Glauceli, por me apresentarem a novos desafios, estímulo e carinho.

A João Arnaldo, por sua força silenciosa e ajuda nos momentos mais necessários.

Ao Babbo, o melhor pai do mundo, e que sempre me encorajou a procurar novos desafios.

A Renata, minha irmã, por ter me dado ajuda na “reta” final, dando meu último “sprint”.

A Adriana, minha irmã/filha, por acreditar em mim.

Aos meus irmãos Alexandre e Gian Paulo que apesar de estarem um pouco afastados, torceram em todos os momentos por mim.

Por último e não menos importante a toda minha maravilhosa família, que soube me dar incentivo, encorajamento e muito amor quando eu mais precisei.

*A educação faz um povo fácil de ser liderado, mas difícil de ser dirigido;
fácil de ser governado, mas impossível de ser escravizado.*

Henry Peter

*A educação é aquilo que permanece depois que tudo o que
aprendemos foi esquecido.*

Skinner

Sumário

1. INTRODUÇÃO	15
2. CLASSE SOCIAL.....	17
As classes na sociedade ocidental contemporânea.....	25
3. EDUCAÇÃO E MOBILIDADE SOCIAL.....	26
3.1 Estudos comparativos sobre mobilidade social.....	28
3.2 Gênero e mobilidade social.....	30
3.3 A mensuração da classe.....	30
4. POLÍTICA PÚBLICA PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR: ProUni.....	34
4.1 Política pública	34
4.2 O ProUni.....	37
5. ORIGEM SOCIOECONÔMICA DOS ESTUDANTES BOLSISTAS DO ProUni	42
6. PROUNI E SEUS RESULTADOS.....	53
6.1 Como a população percebe o ProUni.....	53
6.1.2 O que pensam os egressos	54
6.1.2.1 Um olhar quantitativo	54
6.1.2.2 Um outro olhar.....	63
6.1.2.2.1 Um olhar de todos.....	63
6.1.2.2.2 Um olhar particular.....	66
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
8. BIBLIOGRAFIA	71
9. ANEXO.....	72
Anexo – Pesquisa ProUni.....	72

Relação das Tabelas

Tabela 1 – Bolsas ProUni ofertadas anualmente no Estado de São Paulo	38
Tabela 2 – Bolsas ProUni ofertadas anualmente no município de Sorocaba	39
Tabela 3 – No. De Bolsas ProUni – INTEGRAIS: Comparativo entre o Estado de São Paulo e o município de Sorocaba.....	40
Tabela 4 – No. De Bolsas ProUni – PARCIAIS: Comparativo entre o Estado de São Paulo e o município de Sorocaba.....	41
Tabela 5: Gênero.....	42
Tabela 6: Etnia	43
Tabela 7: Idade.....	45
Tabela 8: Ocupação do Estudante.....	46
Tabela 9: Ocupação do Responsável.....	47
Tabela 10: Renda Familiar.....	48
Tabela 11: Tipos de bolsa.....	49
Tabela 12: Cursos escolhidos.....	49
Tabela 13: Habilitação em Administração	50
Tabela 14: Período de Estudo.....	51
Tabela 15: Situação do Bolsista.....	52
Tabela 16: Importância do curso.....	54
Tabela 17: Impacto do curso na vida do egresso.....	56
Tabela 18: Importância do curso para a vida profissional.....	57
Tabela 19: Ocupação atual.....	58
Tabela 20: Se está contente com a situação atual	59
Tabela 21: Rendimento bruto mensal atual.....	60
Tabela 22: Melhora do rendimento após o término do curso.....	61
Tabela 23: Como avalia o fato de ter sido bolsista ProUni.....	62

Relação dos Quadros

Quadro 1 – Tipos de Mobilidade Social segundo Giddens.....	27
Quadro 2 – Esquema de Classes de Goldthorpe.....	33
Quadro 3 – Salário Mínimo Vigente em 2006: R\$ 350.....	47
Quadro 4 - Salário Mínimo Vigente em 2006: R\$ 380.....	48

Relação dos Gráficos

Gráfico 1: Sexo.....	43
Gráfico 2: Etnia.....	44
Gráfico 3: Idade.....	45
Gráfico 4; Cursos escolhidos.....	50
Gráfico 5: Período de Estudo.....	51
Gráfico 6: Situação do Bolsista.....	52
Gráfico 7: Importância do curso	55
Gráfico 8: Impacto do curso na vida do egresso	56
Gráfico 9: Importância do curso para a vida profissional.....	57
Gráfico 10: Se está contente com a situação atual.....	59
Gráfico 11: Rendimento bruto mensal atual.....	60
Gráfico 12:Melhora do rendimento após o término do curso.....	61
Gráfico 13: Como avalia o fato de ter sido bolsista ProUni.....	62

RESUMO

Este é um trabalho que pretende analisar como que a política pública do ensino superior, ProUni, está ajudando a promover a inclusão de alunos advindos das camadas populares, no mercado de trabalho e, assim, permitindo-lhes mobilidade social e econômica. Esses alunos ingressaram em 2006 e 2007, em uma instituição de Sorocaba.

A metodologia deste estudo se deu através de análise do material bibliográfico levantado, coleta e análise de pesquisa quantitativa, através da técnica de questionário e da qualitativa, com entrevista em profundidade com 7 alunos de um universo de 42 alunos selecionados.

ABSTRACT

This paper aims at analyzing how the public policy for higher education, ProUni, is helping to promote the inclusion of students from low-class income families, in the work market and, allowing them to have social and economic mobility. These students enrolled in 2006 and 2007, in a higher education institution of learning in Sorocaba.

The methodology analyzed bibliographic material, collection and analysis of a quantitative research, using the qualitative and questionnaire method, interviewing 7 students from a total of 42 students selected.

INTRODUÇÃO

Como professora de ensino superior em Sorocaba, tenho verificado a presença de alunos bolsistas do Programa Universidade Para Todos (ProUni) na instituição onde leciono. Com o decorrer dos semestres letivos, fui percebendo que esses alunos que chegavam na faculdade, normalmente trabalhando em empregos que exigiam pouca qualificação, passaram, mesmo antes de terminar a graduação, a ocupar melhores cargos no mercado de trabalho. Neste cenário, comecei a pensar sobre a importância do PROUNI para esses alunos e se essa ascensão estaria ligada ao fato de hoje eles poderem estar em uma instituição de ensino superior.

Sabe-se que o ProUni está buscando promover mudanças nesta direção, a partir do momento em que visa incluir na educação superior estudantes de baixa renda, que tenham estudado no ensino fundamental e médio em escolas públicas, ou com bolsa integral em escolas particulares. Dessa forma, o trabalho que está sendo realizado investiga como este programa está atuando e se o mesmo está contribuindo para a ascensão social destes alunos aqui pesquisados. Para isso, estuda-se o perfil socioeconômico dos alunos ingressantes na instituição analisada e busca-se desvendar as mudanças ocorridas em termos de melhora econômica e mobilidade social, em função de terem sido contemplados com a bolsa do PROUNI.

A hipótese do trabalho é a de que o ProUni tem impacto positivo no ingresso e permanência dos alunos bolsistas das classes menos favorecidas nesta instituição de ensino superior de Sorocaba, incluindo-o no campo profissional e, com isso, colaborando para a sua ascensão social e econômica.

Os objetivos deste trabalho são: verificar impactos do ProUni quanto ao acesso, permanência e inclusão profissional dos alunos bolsistas, ingressantes em 2006/2007 e formados até 2012, em todos os cursos existentes nesta instituição de ensino superior particular, aqui estudada, e; analisar a percepção dos egressos dos cursos sobre o ProUni, em relação a sua mobilidade social e econômica, após a saída da faculdade.

A metodologia utilizada neste estudo apresenta as seguintes fases:

- a) Levantamento e leitura da bibliográfica relacionada ao tema;
- b) Levantamento e análise de dados das matrículas dos bolsistas do ProUni, junto à instituição;
- c) Coleta e análise de dados junto aos concluintes dos cursos, através da técnica de questionário, aplicado via internet;
- d) Entrevistas em profundidade com 7 egressos, afim de melhor analisar as mudanças sociais e econômicas ocorridas, assim como investigar se essa mudança se deve ao fato de serem bolsistas do ProUni.

Os dados obtidos mediante questionário serão apresentados em forma de tabelas e gráficos, que comportarão análise quantitativa; as entrevistas explorarão suas implicações qualitativas no que diz respeito à mobilidade socioeconômica e a educação superior obtida.

2. CLASSE SOCIAL

O tema desta pesquisa traz uma das ideias mais fundamentais da sociologia, estruturante das sociedades urbanas industriais: estamos falando de classe social. É importante apontar aqui que este é um tema em permanente debate; não comporta conclusões a partir de um só autor. Ciente disto, esta pesquisa se utiliza de um autor contemporâneo que apresenta uma abordagem teórica de classe social que se aproxima de uma visão liberal, ou neoliberal. Ainda assim, considerando que o foco da pesquisa é de educação superior, entendeu-se que esta escolha permite levar a pesquisa a bom termo.

Antony Giddens (2005), sociólogo inglês contemporâneo, traz diversos autores e suas teses para analisar os conceitos de classe, estratificação e desigualdade.

A estratificação social é entendida como as diferenças existentes entre os grupos de uma determinada sociedade. Ela pode se dar a partir de diferenças referentes à propriedade, aos bens, assim como entre atributos, como gênero – nas sociedades altamente patriarcais –, idade – em sociedades onde os anciãos possuem maior poder, expressão religiosa, em locais que a religião não está desvinculada do Estado, entre outros aspectos.

Para Giddens, (2005, p. 234), “a estratificação pode ser definida, de um modo mais simples, como as desigualdades estruturadas entre diferentes agrupamentos de pessoas”. Segundo este autor, a estratificação é identificada através de sistemas: escravidão, casta, estamento e classe social.

Na escravidão, uma parte dos indivíduos é propriedade da outra parte, livre. Nas sociedades antigas e nas sociedades coloniais, a partir da modernidade, esta foi a forma predominante de estrutura social.

A casta está ligada a outro sistema político, como o que se encontra na Índia. Neste país, a religião dominante tem como crença a reencarnação; assim um indivíduo vive muitas vezes. Cada indivíduo vive o seu presente em determinada casta e deve aceitar e viver de acordo com seus ditames. Se ele, por acaso, decidir fazer algo que desvirtue esta vivência, nas próximas

reencarnações ele viverá em castas inferiores à atual. Este é um forte apelo para que os indivíduos possam seguir os preceitos que sustentam aquela estrutura social. Por isso não há mobilidade nessa estrutura; ninguém consegue se movimentar dentro desta estrutura social de castas.

Os estamentos constituem estratos em que a sociedade se divide, onde cada indivíduo tem seu papel fortemente diferenciado. Exemplo disso é a sociedade feudal, na qual havia três estamentos: o mais alto, o primeiro, formado pela aristocracia e pequena nobreza; o segundo estamento, formado pelo clero; e o terceiro, constituído pelos servos, mercadores e artesãos. Todos eles tinham seu papel claramente identificado através de direitos e deveres reconhecidos por todos.

Já os sistemas de classes sociais, são muito diferentes das três estratificações anteriores. Giddens (2005, p.234) define classe social como:

Um agrupamento, em larga escala, de pessoas que compartilham recursos econômicos em comum, os quais influenciam profundamente o tipo de estilo de vida que podem levar. A posse de riquezas, juntamente com a profissão, são as bases principais das diferenças de classe.

Diferentemente das demais formas de estratificação, as pessoas dentro das classes sociais podem mover-se em ascensão, em queda ou mesmo entre as próprias classes; as fronteiras entre elas são flexíveis e não são determinadas através de leis ou religião; as relações de dever e obrigação são impessoais. Um determinante importante de classe são os fatores econômicos, atribuídos à posse e ao controle de recursos materiais.

Para Giddens (2005) Karl Marx e Max Weber são os principais teóricos na conceituação e análise sobre classe e estratificação social. Karl Marx faleceu antes de poder desenvolver uma análise sistemática do conceito de classe. No entender de Giddens (2005, p. 235), para Marx, “uma classe é um grupo de pessoas que se encontram em uma relação comum com os meios de produção – os meios pelos quais elas extraem seu sustento”. Entretanto é importante salientar o que o próprio Marx afirma a respeito das classes sociais:

A história de toda a sociedade até hoje tem sido a história das lutas de classes. ...

A nossa época, a época da burguesia (classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social e empregadores do trabalho assalariado) distingue-se, contudo, por ter simplificado os antagonismos de classe. Toda a sociedade está dividida, cada vez mais, em dois grandes hostis, em duas grandes classes em um confronto direto: a burguesia e o proletariado (a classe dos trabalhadores assalariados modernos, os quais, não são proprietários meios próprios de produção, estão reduzidos a vender sua força de trabalho para poderem viver) (MARX, 2011, p. 60).

Antes da sociedade industrial, os meios de produção estavam diretamente ligados à propriedade que a nobreza mantinha da terra e o controle dos que trabalhavam nela, como os servos e os camponeses, que não eram proprietários, apenas serviam aos senhores e viviam sob seus domínios territoriais. Com a Revolução Industrial e a Revolução Burguesa, um novo sistema político começa a se formar: O Capitalismo Industrial. Nestas sociedades do século XIX, havia apenas duas classes sociais, segundo Marx (2011): a burguesia, que eram os proprietários dos meios de produção – capital, máquinas, ferramentas e matéria prima, – e o proletariado, que eram aqueles que trabalhavam na indústria, que não possuíam qualquer meio de produção, mas eram proprietários da força de trabalho. O que existe entre estas duas classes é uma relação de exploração, na qual os capitalistas exploraram os trabalhadores. Essa exploração ocorre porque os trabalhadores realizam um trabalho que vale mais do que do que recebem por ele. Esse excedente é chamado por Marx (2011) de “mais-valia”, pois, segundo ele, é por conta de sua existência, que a burguesia consegue retirar seu lucro, já que o trabalhador realiza mais do que recebe quando vende sua força de trabalho e recebe um salário o qual não repõe sua força física e mental gastas na execução do seu trabalho na produção. Dessa forma o capitalista se apropria desta diferença, o excedente, que se torna uma parte de seu lucro.

O sistema capitalista é permeado por desigualdades sociais, pois a burguesia detém grande parte da riqueza e o trabalhador não tem acesso a ela. Os proprietários dos meios de produção tornam-se tão abastados economicamente que conseguem ampliar excedentes de seu capital. Marx (2011) descreveu que esta grande distância econômica entre essas duas classes sociais leva à pauperização do trabalhador, ou seja, o empobrecimento da classe operária. Além disso, ele descreve o desgaste físico e mental que o trabalhador tem ao executar as tarefas repetitivas, centradas na divisão do

trabalho dentro da fábrica. Portanto, para Marx, era quase impossível, no século XIX, os indivíduos se moverem na estrutura social, ou seja, dificilmente havia uma mobilidade social.

O sociólogo Max Weber, enxerga a estratificação social como uma questão de classe, de *status* e de partido. Acentua que a posse, ou falta dos meios de produção, as aptidões e qualificações são importantes para descrever a posição do indivíduo no mercado, influenciando suas “oportunidades de vida” (GIDDENS, 2005). Sua teoria mostra que aqueles que possuem ocupações médias nas empresas, têm condições de vida mais favoráveis do que os trabalhadores simples. Os títulos, diplomas e habilidades adquiridas tornam estes trabalhadores médios mais interessantes ao capital do que os operários sem estas qualificações. E, mesmo entre os operários, existe a diferenciação econômica, pois aqueles que já são artesãos profissionalizados conseguem salários maiores do que aqueles sem estas qualidades.

Quando Weber escreve sobre o *status*, está se referindo ao prestígio social e às diferenças existentes entres os diversos grupos sociais. O *status* de uma pessoa é “determinado com base no conhecimento direto de uma pessoa, adquirido por múltiplas interações em diferentes contextos ao longo de um período de anos” (GIDDENS, 2005 p. 236).

Como perceber estas interações tornou-se cada vez mais difícil, o *status* começa a ser percebido através do estilo de vida dos indivíduos. Assim, o local onde a pessoa reside, como se veste, a maneira como se expressa e sua ocupação passam a ser importantes para entender sua posição social.

Em acréscimo à noção de estratificação social, Weber refere-se ao partido como um “conjunto de indivíduos que trabalham juntos por terem formações, objetivos e interesses comuns” (GIDDENS, 2005 p. 237), que pode influenciar a circunstância econômica e sua classe. Enquanto Marx via a sociedade como duas classes sociais apenas, Weber consegue perceber que há necessidade de estudar a classe, o *status* e o partido, para explicar a estratificação social.

Outra abordagem de classe social, apresentada por Giddens (2005, p.237), é a de Erik Olin Wright, que faz uma ponte entre as teorias de Marx e de Weber. Para ele, as classes sociais podem ser identificadas a partir de três dimensões de controle sobre os recursos econômicos:

- 1) Controle sobre o capital financeiro (dinheiro);
- 2) Controle sobre os meios de produção (terra, equipamentos, prédios etc.);
- 3) Controle sobre a mão de obra.

O capitalista exerce poder sobre todo o sistema de produção, diferentemente dos trabalhadores, que não controlam qualquer parte. Giddens (2005) afirma que , segundo Wright , há aqueles que, apesar de serem trabalhadores contratados, exercem certa influência sobre os capitalistas. São esses: os gerentes e os trabalhadores de colarinhos brancos. Na visão de Wright, estes trabalhadores vivem uma situação de classe contraditória, pois, apesar de influenciarem diversos aspectos da produção, não têm o controle dela. Estes funcionários não são totalmente capitalistas nem totalmente trabalhadores manuais, pois apesar de serem contratados como quaisquer trabalhadores, possuem certo controle sobre o ambiente de trabalho. São, portanto, os indivíduos pertencentes à classe média.

Outro aspecto estudado por Wright é a relação com a autoridade e a posse de aptidões ou de especialização dos trabalhadores. Ele afirma que muitos trabalhadores de classe média mantêm ligações com a autoridade e são mais privilegiados que aqueles das demais classes trabalhadoras, pois exercem controle sobre a classe trabalhadora, aliando-se aos capitalistas e recebendo salários mais altos por isso, o que acarreta maior lealdade destes trabalhadores e, assim, se sujeitam aos valores do capital. Pode-se pensar que são, ao mesmo tempo, exploradores e explorados.

Outro autor, além de Giddens, Philippe Riutort (2008, p. 540) entende estratificação social como “a coexistência de grupos diferenciados e hierarquizados em uma mesma sociedade, está presente na maior parte das sociedades humanas”.

De acordo com a visão de Riutort (2008, p. 540), “as classes sociais aparecem no final do século XVIII, e constituem um dos efeitos da revolução industrial, que transforma a ordem social existente”.

Riutort (2008) mostra que, a partir do sistema feudal, havia os indivíduos que se ocupavam com a oração, designada de classe do clero; aqueles que se ocupavam dos combates, a classe dos nobres; e os demais, que se ocupavam do trabalho que eram os camponeses. A revolução francesa determina a modificação de toda esta estrutura para três ordens: a primeira, a igreja; a segunda, o poder real; a terceira ordem, a popular. A igreja ajuda o crescimento do poder real contra o poder popular.

A partir da Revolução Industrial, o que importa para pertencer a uma classe social é a atividade econômica à qual o indivíduo se dedica, enfatizando a importância do trabalho em sua vida. Um documento importante que mostra esta nova concepção no século XIX é a Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão, que afirma que todos os homens nascem livres e iguais em direitos. Assim, o que diferenciaria os indivíduos é o que fazem em sua vida econômica e social.

Marx e Engels (1848,apud Riutort, 2008, p. 542), dizem que “a história de toda sociedade até nossos dias foi apenas a história da luta das classes”. Dessa maneira, é necessária a oposição de dois grupos para promover a transformação da sociedade humana e, nas sociedades capitalistas, isso se daria através do confronto entre a burguesia e o proletariado. Outro ponto importante para o autor é o “critério objetivo” formulado por Marx, no qual os proprietários dos meios de produção se opõem aos que vendem sua força de trabalho. Importante, também, é o “critério subjetivo”, ou o sentimento de pertencer à determinada classe social, estudado por Marx, que percebe uma diferença entre uma “classe em si” e uma “classe para si”. Uma classe em si é:

Um conjunto de pessoas que ocupa a mesma posição nas relações de produção, (...) enquanto uma classe para si exige uma consciência de classe, ou seja, o aparecimento de interesses comuns que devem ser defendidos coletivamente contra os interesses de outras classes (RIUTORT, 2008, p. 543).

A destruição de uma classe por outra, ocorre quando a classe dominada percebe que está alienada e é explorada por outra. A população, crescendo sempre e polarizada em torno da indústria, através do trabalho e da moradia percebe sua posição, toma a frente de outras classes sociais, como o caso da pequena burguesia, e inicia uma revolução, que desembocará no socialismo e depois no comunismo, uma sociedade ideal na qual não há diferenças sociais.

Riutort (2008) afirma que Max Weber faz uma análise diferente de estratificação na obra *Economia e Sociedade*. Segundo ele, Weber afirma que há o estabelecimento de três esferas de atividades sociais: classe, que diz respeito a uma ordem econômica; estatuto, na ordem social; e partido, de ordem pública.

Riutort (2008, p. 545) percebe que, para Weber, “as classes sociais reúnem indivíduos que têm em comum uma situação de classe que pode ser medida pelo acesso diferenciado a um conjunto de bens”. A partir deste ponto, Weber começa a perceber e se interessar pela mobilidade social vendo que a classe social não está baseada apenas na posição econômica, mas no fato de uma sociedade ter instrução elevada; ter honra por ter nascido como nobre ou pelo exercício de uma profissão de prestígio são fatores importantes e servem para fazer o indivíduo perceber que pertence a determinada classe.

Quanto à ordem política, pertencer a um partido leva muitas vezes o indivíduo à conseguir retornos materiais ou simbólicos e um emprego, uma carreira e, às vezes, um recurso público.

Discute ainda, a posição de Bourdieu:

Espaço social em vez de classes sociais, uma vez que as propriedades sociais não existem substancialmente, mas somente em relações com outras, frente às quais elas adquirem seus significados. Ele distingue o volume e a estrutura dos capitais que possui um agente social (RIUTORT, 2008, p. 554).

Para Bourdieu (1994, apud Riutort, 2008, p.551) existem tipos de capitais diferenciados: capital econômico, que demonstra os rendimentos e patrimônio do agente social, inclusive evidenciando a diferença entre o capital

líquido, como a moeda em conta corrente, e o capital menos líquido, como propriedades e outros ativos que precisam de mais tempo para tornar-se dinheiro. Capital cultural, que possui três características (Riutort, 2008, p.555):

- a) Institucionalizada, garantida por instituições reconhecidas pelo mercado;
- b) Objetivada, que tem como símbolos, por exemplo, uma coleção de pinturas, móveis de época, uma biblioteca;
- c) Interiorizada, que, como o próprio nome identifica, é o interesse mostrado por artes, cultura, que é passado pela escola ou família.

Capital social, que é o tipo de capital que se soma aos dois capitais anteriores e que pode aumentar as receitas do agente. Um exemplo seria dois alunos formados pela mesma escola, mas que desenvolvem carreiras diferentes, porque um deles tem mais acesso a informação que o outro.

Riutort (2008, p. 557) entende que Bourdieu percebe as grandes diferenças entre os indivíduos pertencentes à mesma classe social, o que causaria “dificuldade em falar de ‘classe superior’ ou de classe média e classe inferior (...) no singular”, mostrando que os indivíduos são muito diferentes entre si.

O autor Sorokin (1966, p.77), afirma referente à classe social:

Sua fórmula é a seguinte: ele [classe social] é a) ilegalmente aberto, mas de fato semifechado; b) “normal”; c) solidário; d) antagônico a outros grupos (classes sociais) da mesma natureza geral; e) organizado em parte, mas principalmente quase organizado; f) cômico apenas parcialmente de sua própria unidade e existência; g) característico da sociedade ocidental dos séculos XVIII, XIX e XX; h) um grupo com múltiplos laços, cujos limites são dados ao mesmo tempo por dois vínculos específicos – ocupacional e econômico (ambos tomados em sua mais ampla acepção) – e por um vínculo de estratificação social, este no sentido de que a totalidade de seus direitos e deveres básico contrasta com os direitos e deveres essencialmente diferentes de outros grupos (classes sociais) de mesma natureza geral.

Assim, após a visão destes diferentes estudiosos, passemos para a visão de nossa sociedade contemporânea.

As classes na sociedade ocidental contemporânea

Por exemplo, conforme aponta Giddens (2005), a identificação empírica de classe social é difícil de ser operacionalizada. A questão da classe alta é difícil de estabelecer devido a pouca disponibilidade de informações confiáveis, decorrentes da diferença de obtenção de dados estatísticos em cada país. A Grã-Bretanha, por exemplo, tem concentrados 19% de toda a riqueza pessoal nas mãos do 1% mais rico da população, enquanto 50% da população mais pobre têm apenas 8% da riqueza total.

A definição de o que é ser rico também muda de país para país. Alguns chegaram a ser ricos, pois herdaram ativos, outros por meios próprios e por vencerem diversos obstáculos. Outros, os chamados “novos ricos”, conseguem sua riqueza no mercado de ações de empresas da nova economia (tecnologia, hardware, software, mídia, internet, telecomunicações). Outra mudança percebida é a de jovens entre 20 e 30 anos que conseguem enriquecer com esta nova economia. As mulheres estão mudando o perfil do grupo de novos ricos, pois são, na Grã-Bretanha, apenas 64 mulheres dentre os 1000 indivíduos mais ricos (GIDDENS, 2005).

Dessa forma, pode-se verificar que ocorre uma distinção entre a classe alta e classe de serviços. A classe alta tem riqueza e poder e consegue passá-los a seus filhos. A classe de serviços, composta por profissionais, gerentes e altos administradores, segundo Goldthorpe (1993, apud Giddens, 2005, p. 239) é uma “classe intermediária”, que passa a ser denominada a “classe média”. Esta classe engloba amplo número de pessoas que trabalham em diversas atividades, abrangendo a maior parte de quase toda sociedade ocidental. Estas pessoas chegaram a esta classe principalmente devido a estudos acadêmicos e qualificações técnicas. Para ganharem seu salário, vendem sua força de trabalho mental e física. É um grupo extremamente heterogêneo devido à sua diversidade de origem. Por haver a possibilidade de mobilidade social também fica difícil delimitar, com certeza, esta classe média.

As ocupações gerenciais dos componentes desta classe fazem parte da evolução da pequena empresa para a grande corporação. Segundo

Giddens, (2005) o advento de uma maior burocracia do que havia anteriormente, criou oportunidades de empregos que antes não existiam, tais como médicos, advogados, professores, que antes eram autônomos e hoje trabalham em grandes empresas. Outros profissionais estão trabalhando para o governo, devido a este estar desempenhando papel cada vez mais importante dentro da nova economia. Como as empresas tem crescido, e com maiores necessidades de qualificação técnica e de pesquisa, há uma busca maior por profissionais especializados, que podem ser os propulsores da nova evolução e expansão da economia capitalista contemporânea. Pode-se verificar que os empregados dos níveis mais altos de conhecimento conseguem estes postos, principalmente devido ao papel da educação, a qual proporciona maior influência para ascensão social, como graduação, pós-graduação, vivência em outros países, entre outros.

Nota-se um crescimento dessa classe média em todos os países centrais. Nos países periféricos, a tendência é de que isto também ocorra.

Esse padrão de vida ascendente expressa-se na maior disponibilidade de bens de consumo para todas as classes. Hoje em dia, cerca de 50% dos operários tem casa própria, e é bastante grande a proporção de famílias que possuem carros, lavadoras de roupa, televisores e telefones (GIDDENS, 2005, p. 244).

Isso leva a perceber a sociedade como sendo uma “sociedade mais classe média”. Esta ideia é conhecida como a tese de aburguesamento, que é tornar-se mais burguês, ou o que Marx diria sobre “tornar-se mais classe média”. Dessa maneira, o operariado que ganhava salários maiores também teria valores, aspirações e modo de viver da classe média.

Em resumo, neste tópico procurou-se analisar as mudanças sociais resultantes da emergência das sociedades urbano industriais, do surgimento das classes sociais e da mobilidade em seu interior.

3 EDUCAÇÃO E MOBILIDADE SOCIAL

Segundo Giddens (p. 248), “o termo ‘mobilidade social’ refere-se ao deslocamento de indivíduos e grupos entre posições socioeconômicas

diferentes”. Existem diversos tipos de mobilidade: vertical, lateral, intrageracional e intergeracional.

Abaixo, um quadro com a descrição de cada um destes tipos de mobilidade:

Quadro 1 – Mobilidade Social por Giddens

TIPO DE MOBILIDADE	SIGNIFICADO	SENTIDO	SÍMBOLOS
VERTICAL	MOVIMENTO DE SUBIDA OU DESCIDA DENTRO DA ESCALA SOCIOECONÔMICA	ASCENDENTE	GANHOS EM PROPRIEDADE
			GANHOS EM RENDA
			GANHOS EM STATUS
VERTICAL	MOVIMENTO DE SUBIDA OU DESCIDA DENTRO DA ESCALA SOCIOECONÔMICA	DESCENDENTE	PERDA DE PROPRIEDADES
			PERDA DE RENDA
			PERDA DE STATUS
LATERAL	DESLOCAMENTO GEOGRÁFICO	LATERAL	MUDANÇA PARA BAIRROS, CIDADES OU OUTRAS REGIÕES

A mobilidade social, hoje, pode ser estudada de diferentes maneiras. A primeira delas refere-se a como cada indivíduo comporta-se em relação a sua vida econômica produtiva, que pode ser observada através da carreira e como esta projeta o indivíduo para cima ou para baixo na escala social. Essa mobilidade é chamada de mobilidade intrageracional, pois acontece durante a mesma geração. A segunda maneira de se perceber a mobilidade social é observar como os filhos se comportam em relação às carreiras profissionais, ou seja, se eles trilham o mesmo caminho escolhido por seus pais ou não. Neste caso a mobilidade é intergeracional, pois ocorre entre diferentes gerações da mesma família.

Pode-se pensar que, neste sentido, a mobilidade social tem poder limitado, pois os filhos de pessoas da classe operária podem chegar à classe média, mas dificilmente chegam à classe alta, salvo raras exceções.

3.1 Estudos comparativos sobre mobilidade social

Quanto um indivíduo pode subir ou descer dentro da escala social? Esta é a questão que se coloca para entendermos se os indivíduos têm maior ou menor oportunidade de mobilidade e está relacionada à maior ou menor igualdade de oportunidade a todos os membros de uma mesma sociedade.

Segundo Giddens (2005), foram feitos diversos estudos voltados à mobilidade social. Um dos mais considerados em nível de importância foi executado por Peter Blau e Otis Dudley Duncan, em 1960, nos EUA, com uma mostra nacional de 20 mil homens. As mulheres não foram estudadas, pois, nessa época, suas rendas e ocupações eram consideradas irrelevantes, seus salários eram pequenos e elas ficavam muito tempo fora do mercado de trabalho, devido a partos e cuidados com os filhos. O estudo mostrou que há mobilidade vertical, “mas quase toda ela ocorre entre posições ocupacionais que estejam bem próximas entre si”. Há mobilidade vertical descendente, mas esta é menor que a ascendente, revelando um aumento no número de empregos de colarinho branco muito maior do que o crescimento da população, proporcionando um movimento ascendente para os filhos dos operários, que têm um maior número de vagas para serem preenchidas. Para os estudiosos Blau e Duncan (1960, apud Giddens, 2005 p. 248), a “mobilidade social ascendente é geralmente uma característica de todas as sociedades industriais e contribui para a estabilidade e a integração sociais”.

Giddens (2005), cita um importante estudo internacional realizado por Lipset e Bendix, em 1959, sobre mobilidade social nos seguintes países: Alemanha Ocidental, Dinamarca, EUA, França, Grã-Bretanha, Itália, Japão, Suécia e Suíça. Foi estudada a mobilidade dos homens, transformando-se de operários em funcionários de colarinho branco. Lipset e Bendix encontraram mobilidade parecida entre os países estudados, entre 27% e 31%, e chegaram à conclusão que estes países estavam passando por mudanças semelhantes, e estava ocorrendo uma “onda de mobilidade vertical ascendente”. Estes estudos eram “objetivos”, mostrando qual o volume, em que direção e para qual população houve a mobilidade social. Obviamente tiveram sua quota de críticos.

Marshall e Firth (1999, apud Giddens, 2005), fizeram uma abordagem diferente da mobilidade social. Estudaram as impressões “subjetivas” quanto ao que era mobilidade. Essas impressões subjetivas estavam ligadas ao que alguns estudiosos afirmavam sobre a mobilidade social, que trazia um sentimento de isolamento, desenraizamento, desequilíbrio, não pertencimento à nova classe social.

A mobilidade descendente, apesar de ser mais rara, é um fenômeno difundido. A mobilidade desce intrageracional é comum e está ligada a problemas psicológicos e ansiedades, pois há uma perda no estilo de vida dos indivíduos. Outras formas de mobilidade descendente intrageracional ocorrem com a dispensa por excesso de funcionários e a perda de emprego por pessoas de meia-idade.

Giddens (2005) ainda analisa os estudos feitos nos Estados Unidos, nas décadas de 1980 e 1990, que mostram que está ocorrendo uma queda na renda média real dos empregados de “colarinho branco” em cargos médios, ocasionando uma mobilidade descendente e uma queda no estilo de vida, sem a aspiração de retorno às posições anteriores, pois as reestruturações das empresas, a redução de seus tamanhos e a globalização, impediriam o acesso a um novo status social.

Outro aspecto da mobilidade vertical descendente nos EUA. é encontrado no grupo de mulheres com filhos que, depois da separação ou divórcio, perdem sua posição de classe média, pois passam a perder parte importante de sua renda havendo um declínio de seu padrão social e de *status*. Muitos dos ex-companheiros não dão a estas mulheres qualquer renda, e elas, sozinhas e tendo que trabalhar em dupla jornada, não conseguem manter o padrão anterior. A “mobilidade é um processo de longo prazo e se a sociedade está se ‘abrindo’, os efeitos só serão sentidos em sua plenitude após uma geração” (Giddens, 2005, p. 250,).

3.2 Gênero e mobilidade social

Giddens (2005), refere-se a um estudo feito pelo “ECONOMIC AND SOCIAL RESEARCH COUNCIL, Twenty-Something in the 1990s”, investigou a vida de 9 mil britânicos nascidos na mesma semana de 1970 e descobriu que, para ambos os sexos, a família e a classe social eram fatores determinantes para transitar mais suavemente entre a juventude e a idade adulta. Descobriu-se que as mulheres que adiavam o casamento e a maternidade e que tinham pais com ocupações profissionais, passavam melhor pelas transformações para a vida adulta. As mulheres da classe média tinham as mesmas oportunidades que os rapazes de frequentar a universidade e conseguir bons empregos, o que as tornavam mais confiantes e com maior autoestima, em comparação às nascidas 12 anos antes. Porém, as mulheres ainda têm que enfrentar o modo de pensar de seus empregadores e gerentes, que ainda acham que “as mulheres não estão realmente interessadas em carreiras” e que deixarão suas carreiras quando constituírem família.

Assim, a classe social determina ainda o que a pessoa é, qual sua expectativa em relação a muitos aspectos:

Expansão do ensino superior, o maior acesso às qualidades profissionais e o surgimento da internet e da ‘nova economia’ estão mostrando novos canais para a mobilidade ascendente. Esses avanços vêm corroendo ainda mais os velhos padrões de classe e de estratificação e contribuindo para uma ordem mais fluída, meritocrática (GIDDENS, 2005, p. 251).

3.3 A mensuração da classe

Através destas teorias, fica claro que o conceito de classe é abstrato e entendido diferentemente pelos teóricos que o analisam. Devemos então operacionalizar este conceito se quisermos utilizá-lo para fins de pesquisa empírica:

Quando um conceito abstrato como o de classe é transformado em uma variante mensurável em um estudo, dizemos que o conceito foi operacionalizado, o que significa que foi definido de forma clara e concreta o suficiente para ser testado através de uma pesquisa empírica (GIDDENS, 2005, p. 248).

Segundo o autor, os sociólogos entendem as divisões de classe com base na estrutura ocupacional. O lugar que os trabalhadores ocupam em sua vida profissional determina suas oportunidades de vida e seu nível de conforto de vida. Os esquemas de classes baseados na estrutura ocupacional assumem diferentes formas:

1) Descritivos – descrevem a forma da estrutura ocupacional sem lidar com as relações entre as classes. São os preferidos por aqueles que veem a estratificação como não problemática e como parte da ordem social natural, como fazem os funcionalistas.

2) Relacionais – são explicitados pela teoria, por Marx e Weber, e explicam as relações entre as classes da sociedade. São os preferidos pelos estudiosos que estudam o conflito entre as divisões e as tensões sociais.

O sociólogo John Goldthorpe (1986, apud Giddens, 2005, p. 250) criou um esquema para ser utilizado na pesquisa empírica sobre mobilidade social, que se relaciona à estrutura de classes, identificando as posições de classe em duas: situação de mercado e situação de trabalho. A situação de mercado é responsável pelo nível de remuneração, segurança no emprego, perspectiva de avanço, através das oportunidades e outras recompensas salariais. A situação de trabalho enfatiza o controle, o poder e a autoridade do funcionário em sua ocupação, mostrando o quanto este trabalhador tem poder, controle e autoridade sobre outros dentro da empresa.

A crítica feita aos esquemas de classes é que estes são difíceis de serem aplicados aos economicamente inativos, como desempregados, aposentados, pensionistas, estudantes, crianças. Para facilitar sua utilização, os desempregados e aposentados são classificados por sua atividade de trabalho anterior. Outra limitação destes esquemas é que coloca-se no mesmo patamar os proprietários, os empresários, os gerentes financeiros, todos no mesmo padrão de funcionários de nível médio e, portanto, mais limitados. Os esquemas de classes também não refletem novas ocupações, que estão surgindo com a mudança da economia e a chegada, em massa, de uma classe de mulheres com um maior número de diplomas, ou anos de estudos, em

relação aos homens de sua mesma classe. Todas essas críticas ocorrem, pois estes esquemas não conseguem acompanhar o forte movimento dentro e entre as classes sociais.

A seguir, é apresentado o Esquema de classe proposto por Goldthorpe, segundo Giddens (p. 240):

Quadro 2: Esquema de Classes de Goldthorpe

CLASSE		RELAÇÃO EMPREGATÍCIA	
SERVIÇOS	1	PROFISSIONAIS DE GRAU SUPERIOR ADMINISTRADORES E FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS GRANDES GERENTES E PROPRIETÁRIOS	EMPREGADOR OU RELAÇÃO DE SERVIÇOS
	2	PROFISSIONAIS DE GRAU INFERIOR ADMINISTRADORES E FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS PEQUENOS GERENTES E PROPRIETÁRIOS	RELAÇÃO DE SERVIÇOS
INTERMEDIÁRIA	3	EMPREGADOS NÃO MANUAIS QUE DESENVOLVAM ATIVIDADES DE ROTINA NA ADMINISTRAÇÃO E NO COMÉRCIO (ESCRITÓRIO)	INTERMEDIÁRIA
	3B	A MASSA DE EMPREGADOS DAS INDÚSTRIAS DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS EMPREGADOS NÃO MANUAIS QUE DESENVOLVAM ATIVIDADES DE ROTINA (VENDAS E SERVIÇOS) DE GRAU INFERIOR	INTERMEDIÁRIA (HOMENS) CONTRATO DE TRABALHO (MULHERES)
	4	PEQUENOS PROPRIETÁRIOS E ARTÍFICES AUTÔNOMOS	EMPREGADOR
	4B	PEQUENOS PROPRIETÁRIOS E ARTÍFICES SEM EMPREGADOS	AUTÔNOMA
	4C	FAZENDEIROS E PEQUENOS PROPRIETÁRIOS DE TERRAS, OUTROS TRABALHADORES AUTÔNOMOS DA ÁREA DE AGRICULTURA	EMPREGADOR OU AUTÔNOMO
	5	TÉCNICOS DE GRAU INFERIOR, SUPERVISORES DE TRABALHADORES MANUAIS	INTERMEDIÁRIA
TRABALHADORA	6	TRABALHADORES MANUAIS PROFISSIONALIZADOS	CONTRATO DE TRABALHO
	7	TRABALHADORES SEMIPROFISSIONAIS E NÃO PROFISSIONAIS	CONTRATO DE TRABALHO
	7B	TRABALHADORES DA ÁREA DA AGRICULTURA	CONTRATO DE TRABALHO

Fonte: Giddens, 2005, p. 240, adaptado de R. Crompton, Class and Stratification, segunda edição, Polity, 1998, p. 67

A análise aqui efetuada, sobre classe social e mudança social, evidenciou como componente importante a educação; a educação como fator de inserção social. Embora esta análise tenha sido feita a partir de contextos outros que não a situação brasileira, é possível utilizá-la como referência neste caso específico. Embora se trate de um país em processo de desenvolvimento, apresenta as características de uma sociedade industrial de classes.

4 POLÍTICA PÚBLICA PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR: ProUni

Na promoção da educação como fator de mobilidade social, de inserção social, o papel do Estado, enquanto estimulador de políticas públicas, é fundamental.

Para isto, há necessidade de compreender os conceitos de políticas públicas, de modo a ter dimensão do que é o ProUni enquanto política pública para a educação superior..

4.1 Política pública

Ao analisar o papel da educação, Dias Sobrinho afirma que:

As visões atuais da democratização da educação em termos da expansão da escolarização, desde a superação do analfabetismo até o acesso aos mais elevados níveis superiores de ensino e pesquisa, também conferem à educação a importante função de motorizar a economia (2013, p.107).

Nesse sentido, depreende-se que o ensino superior é tido como relevante, não só como motor da economia, mas também, como acrescenta o autor, como fator de desenvolvimento da sociedade no sentido mais amplo.

Para entender a importância da educação Dias Sobrinho (2013, p. 108) afirma que “o essencial neste aspecto é que a educação contribua para que o desenvolvimento da economia e da própria sociedade se proceda respeitando o princípio democrático do bem comum”.

Entretanto, o autor faz um alerta sobre a educação servir ao consumo:

Segundo as atuais tendências hegemônicas, a educação deve estar a serviço da produção e do consumo dos conhecimentos e das competências como estratégia de aumento da competitividade mercadológica, em detrimento da formação humana integral e da construção de sociedades democráticas. O educando se transforma em consumidor de um serviço educacional e de um produto - o conhecimento - e o cidadão é tratado como um recurso humano enredado na relação produção-consumo (DIAS SOBRINHO, 2013, p. 112).

Parece que tentar resolver essa equação é um dos maiores problemas da educação hoje, no Brasil.

A educação deveria ser pública e ter sua qualidade – não somente direcionada para a formação de profissionais tecnicamente preparados, mas, também críticos da sociedade da qual fazem parte – dessa forma, permitiria aos indivíduos das classes menos favorecidas superar os problemas de aprendizado e concluir os cursos escolhidos (DIAS SOBRINHO, 2013).

Dada a importância da educação para o desenvolvimento social, deve-se destacar o papel do Estado ao definir políticas que ampliem o acesso a ela, sinalizando oportunidades de melhoria social dos cidadãos.

Souza define política pública como:

O campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, colocar o governo em ação e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real (2006, p. 26).

A autora ainda afirma que:

Políticas públicas, após desenhadas e formuladas, desdobram-se em planos, programas, projetos, bases de dados ou sistema de informação e pesquisas. Quando postas em ação, são implementadas, ficando daí submetidas a sistemas de acompanhamento e avaliação (2006, p. 26).

Para Lowi (1979), a política pública possui quatro formatos:

Política pública distributiva: são as políticas voltadas às necessidades individuais, a que o setor privado não consegue fazer frente;

Políticas públicas regulatórias: envolvem burocracia, política e grupos de interesse;

Políticas redistributivas: são as políticas voltadas à redistribuição de renda e têm respaldo no sistema tributário e previdenciário;

Políticas constitutivas: lidam com procedimentos. (SOUZA, 2006, p. 30)

É importante observar que cada uma destas políticas terá apoio político de grupos influentes e, portanto, terá resultados diferentes.

Segundo Souza (2006, p. 32), a política pública apresenta-se como um ciclo que “é constituído dos seguintes estágios: definição de agenda, identificação de alternativas, avaliação das opções, seleção das opções, implementação e avaliação”.

Uma política pública para ser efetiva deve ser eficiente, como afirma Souza:

A ênfase na eficiência nasceu da premissa de que as políticas públicas e suas instituições estavam fortemente influenciadas por visões redistributivas ou distributivas, na linguagem de Lowi, desprezando-se a questão da sua eficiência. As razões para tal reconhecimento estão na crise fiscal e ideológica do Estado, aliadas ao declínio do sonho pluralista que caracterizou a visão norte-americana sobre políticas públicas em décadas passadas (2006, p. 37).

Esta autora aponta os elementos principais para uma política pública, que são: (2006, p. 38)

A política pública permite distinguir entre o que o governo pretende fazer e o que de fato faz;

A política pública envolve vários atores e níveis de decisão, embora seja materializada através dos governos, e não necessariamente se restringe a participantes formais, já que os informais são também importantes;

A política pública é abrangente e não se limita a leis e regras;

A política pública é uma ação intencional, com objetivos a ser alcançados;

A política pública, embora tenha impactos no curto prazo, é uma política de longo prazo;

A política pública envolve processos subsequentes após sua proposição, ou seja, implica também implementação, execução e avaliação (p.38).

Souza conclui:

O entendimento dos modelos e das teorias acima resumidos pode permitir ao analista melhor compreender o problema para o qual a política pública foi desenhada, seus possíveis conflitos, a trajetória seguida e o papel dos indivíduos, grupos e instituições que estão envolvidos na decisão e que serão afetados pela política pública (2006, p. 38).

Azevedo afirma que:

(...) ganhou centralidade o debate sobre o destino e o perfil que deveriam assumir as políticas públicas, em particular as voltadas para os setores sociais. Isto partindo-se do entendimento que estas políticas constituem-se em um elemento estrutural das economias de mercado, representando tipos de regulação que cada sociedade colocou em prática a partir de um determinado estágio do seu desenvolvimento, configurando, assim, os modos de articulação entre Estado e a sociedade (2004, p. 26).

Portanto, a política pública é importante para uma atividade, pois é a forma do Estado, propor, analisar e redistribuir recursos que são escassos e que devem chegar a todos de maneira mais igualitária.

4.2 O ProUni

O ProUni – Programa Universidade para todos, concede bolsas de estudo, integrais e parciais (50%), em curso de graduação e tecnológicos em instituições de ensino superior. Foi criado com a Lei no. 11096, 13/01/2005, e oferece isenção de tributos às instituições participantes. Estas bolsas são oferecidas aos estudantes do ensino médio da rede pública ou da rede particular, desde que sejam bolsistas integrais, com renda per capita familiar máxima de até um salário mínimo e meio (no ano 2013, R\$ 1.017). As bolsas parciais são oferecidas para alunos com renda per capita de até três salários mínimos (no ano de 2013, R\$ 2034).

Para o estudante conseguir a bolsa ProUni, há a necessidade de realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e obter a média nacional, que neste primeiro semestre de 2013 foi de 450 pontos, além de nota diferente de zero na prova de Redação.

Desde o início, em 2005, até o segundo semestre de 2012, o ProUni ofereceu bolsas a mais de um milhão de estudantes, sendo deste total 67% a bolsistas integrais (SISProUni 27/06/2013).

Este programa, aliado a outras a outras ações de políticas públicas, pode ser o início que muitos jovens precisariam para ingressarem em uma universidade, pois de outra maneira o ingresso seria muito mais difícil.

Dentro desse panorama e tendo em vista o objeto de estudo desta dissertação é importante conhecermos os números das bolsas concedidas pelo ProUni para o Estado de São Paulo e para a cidade de Sorocaba. Os dados apresentados são anuais.

Tabela 1 - Bolsas ofertadas anualmente no estado de São Paulo

ANO	Nº de bolsas		
	Integrais	Parciais	Total
2005	21.713	13.939	35.652
2006	25.768	11.007	36.775
2007	27.002	21.056	48.058
2008	28.806	44.375	73.181
2009	49.623	34.819	84.442
2010	39.558	45.259	84.817
2011	38.809	48.759	87.568
2012	46.120	44.242	90.362

Fonte: SISProUni 27/06/2012

Estes dados indicam a expansão da quantidade de bolsas oferecidas. Inicialmente, em 2005, totalizavam 35.652; em 2012, totalizavam 90.362 no ano, quase triplicando o número de bolsas anuais. No período de sete anos, mais de meio milhão de pessoas no estado de São Paulo tiveram bolsa de estudo, podendo aumentar, assim, suas chances de melhorar a instrução formal e, conseqüentemente se tornar mais competitivo no mercado de trabalho, levando-o a melhores condições econômicas, sociais e culturais.

Em Sorocaba, o aumento do número de bolsas é também significativo, ainda que menor em comparação ao estado de São Paulo como um todo. No total, neste período, vários alunos obtiveram bolsas de estudo, sendo em maior proporção bolsistas de tempo integral.

Tabela 2 - Bolsas ofertadas anualmente no município de Sorocaba

ANO	No. De Bolsas		
	Integrais	Parciais	Total
2005	462	312	774
2006	875	41	916
2007	643	63	706
2008	808	658	1.466
2009	1296	615	1.911
2010	1177	1438	2.615
2011	1059	985	2.044
2012	1052	401	1.453

Fonte: SISProUni: 27/06/2012

Abaixo é apresentado um quadro comparando o crescimento entre o número de bolsas ProUni, no estado de São Paulo e no município de Sorocaba.

Tabela 3 – No. de bolsas ProUni- Integrais: comparativo entre o Estado de São Paulo e o município de Sorocaba

ANO	São Paulo		Sorocaba	
	Integrais	Crescimento %	Integrais	Crescimento %
2005	21.713		462	
2006	25.768	18,68	875	89,39
2007	27.002	4,79	643	- 26,51
2008	28.806	6,68	808	25,66
2009	49.623	72,27	1296	60,40
2010	39.558	- 20,28	1177	- 9,18
2011	38.809	- 1,89	1059	- 10,03
2012	46.120	18,84	1052	- 0,66

Elaborado a partir de relatórios SISProUni 27/06/2013

Esta tabela demonstra como as bolsas ProUni – Integrais, no caso de Sorocaba, tiveram um crescimento incomum se comparado ao Estado de São Paulo. No ano de 2006, Sorocaba teve um crescimento de 89,39%, muito superior ao do estado de São Paulo que foi de 18,68%, mostrando que havia uma demanda reprimida. Já no ano de 2007, houve uma queda de 26,51% frente ao crescimento de 4,79% do estado. O ano de 2008, apresentou um aumento de 25,65% para Sorocaba e o estado cresceu apenas 6,68%. No ano de 2009, em Sorocaba cresceu 60,40%, e em São Paulo cresceu 72,27%. Em 2010, tanto em Sorocaba quanto no estado tiveram forte queda, em Sorocaba, decresceram 9,18% em comparação com 20,28% no estado. Nos anos de 2011 e 2012, Sorocaba decresceram próximo a 10% e 0,66% respectivamente, enquanto o estado teve uma queda de 1,89% e um aumento de 18,84%, no mesmo período.

Tabela 4 – No. de Bolsas ProUni – Parciais: comparativo entre o Estado de São Paulo e o município de Sorocaba

ANO	SP		SOROCABA	
	Parciais	Crescimento %	Parciais	Crescimento %
2005	13.939		312	
2006	11.007	- 21,03	41	- 86,86
2007	21.056	91,30	63	53,66
2008	44.375	110,75	658	944,44
2009	34.819	- 21,53	615	- 6,53
2010	45.259	29,98	1438	133,82
2011	48.759	7,73	985	- 31,50
2012	44.242	- 9,26	401	- 59,29

Elaborado a partir de relatórios SISProUni 27/06/2013

As bolsas parciais no ProUni tiveram um comportamento bastante diferente, comparando o município de Sorocaba e o Estado de São Paulo. Em 2006, em São Paulo houve um decréscimo de aproximadamente 21% no oferecimento das bolsas, enquanto em Sorocaba, houve um decréscimo de 86,86%. Em 2007, São Paulo cresceu 91,30%, já em Sorocaba, 53,66%. O ano

de 2008 foi digno de nota: São Paulo aumentou a oferta em 110,75% enquanto em Sorocaba, o aumento foi de 944%; Já em 2009, houve uma queda de 21,53% no estado e 6,53 em Sorocaba. Em 2010 o crescimento no estado de São Paulo foi de quase 30% enquanto em Sorocaba, quase 134%. Houve um decréscimo de 31,50% e quase 60%, respectivamente em 2011 e 2012, em Sorocaba. No estado houve um aumento de 7,73% em 2011 e um decréscimo de 9,26% em 2012.

Não obstante esta variação deve ser destacado o significado da oferta de bolsas pelo ProUni, aumentando assim as oportunidades de acesso à educação superior para pessoas de baixa renda.

5 ORIGEM SOCIOECONÔMICA DOS ESTUDANTES BOLSISTAS DO ProUni

Os alunos bolsistas da instituição pesquisada nos anos de 2006 e 2007 totalizam 43, constituindo o universo da pesquisa empírica do presente estudo. Os dados obtidos permitem criar um quadro quanto à sua origem socioeconômica, o estrato social a que pertencem estes estudantes. Como parte importante deste quadro, dados sobre os aspectos gênero e etnia são incluídos.

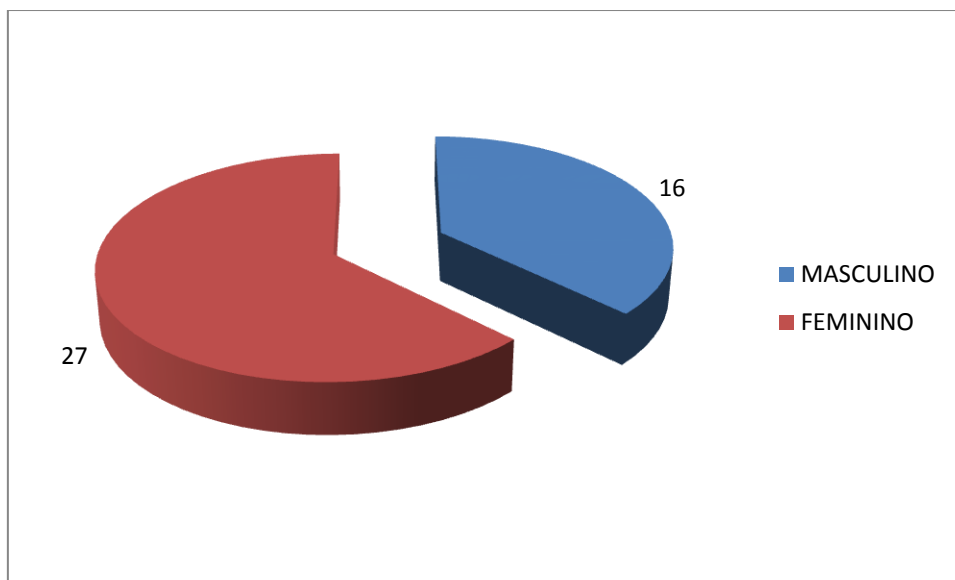
Do total de 43 estudantes bolsistas, 63,7% (27) são do sexo feminino e 37,0% (16) do masculino, conforme mostram a tabela e o gráfico a seguir:

Tabela 5 – Sexo

SEXO	Nº de estudantes	%
FEMININO	27	63,0
MASCULINO	16	37,0
TOTAL	43	100,0

FONTE: Arquivos Instituição 2012

Gráfico 1 - Sexo



FONTE: Arquivos Instituição 2012

Como se pode perceber a partir destes primeiros dados, a predominância das mulheres bolsistas fornece já uma informação de especial importância: de que o ProUni pode estar beneficiando uma fração da população, a das mulheres, no caso mulheres pobres, que historicamente permanecem em plano secundário e muitas vezes à margem dos benefícios advindos da modernização da sociedade brasileira, incluída a educação superior.

Quanto à etnia, os estudantes se auto denominam, seguindo critério utilizado pela PNAD, como: brancos, 74,0% (32); e pardos ou mulatos, 26,0% (11). A tabela a seguir demonstra isso:

Tabela 6 - Etnia

ETNIA	Nº de estudantes	%
BRANCOS	32	74,0
PARDOS/MULATOS	11	26,0
TOTAL	43	100,0

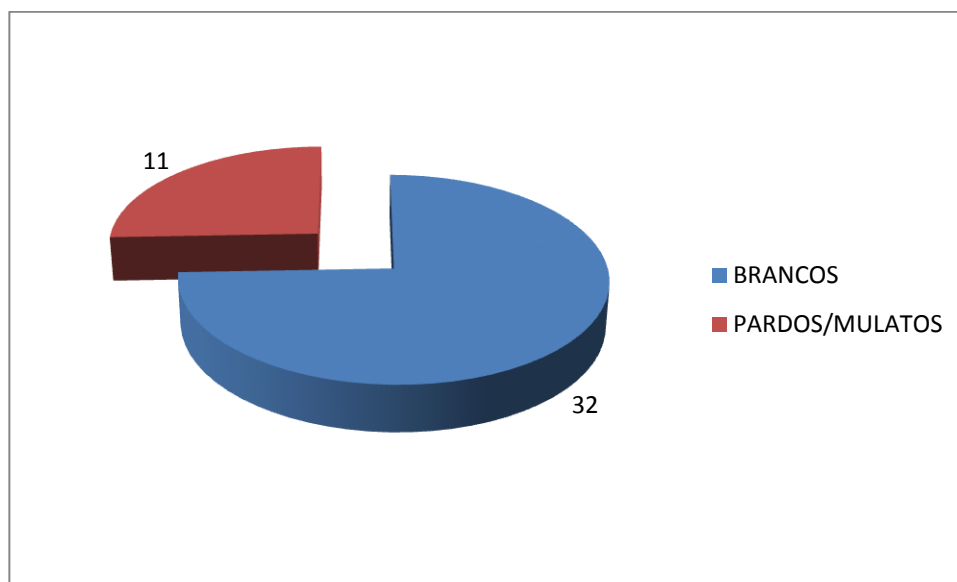
FONTE: Arquivos Instituição 2012

Estes dados nos remetem a uma constatação igualmente importante nesta pesquisa. Dentre os mais necessitados de apoio para realizar um curso

superior estariam os negros, mulatos ou pardos, reconhecida que é sua posição historicamente desvantajosa na estrutura de classes no Brasil. No caso específico desta pesquisa, os primeiros estão ausentes e os segundos representam um quarto do total de estudantes. Ainda assim, predominam bolsistas homens e mulheres brancos. Isso pode colocar uma questão relevante para um próximo estudo: o PROUNI realmente chega para aqueles a quem ele foi pensado como política pública?

Podemos visualizar mais claramente esta realidade no seguinte gráfico:

Gráfico 2 - Etnia



FONTE: Arquivos Instituição 2012

A idade dos bolsistas está entre dezoito e vinte e quatro anos, na data do primeiro dia do semestre, e tinha a seguinte configuração: sete tinham dezoito anos, nove tinham dezenove, dez estavam com vinte anos, seis contavam com vinte e um anos, quatro com vinte e dois anos, cinco com vinte e três anos e apenas dois tinham vinte e quatro anos.

A próxima tabela demonstra a distribuição entre as idades:

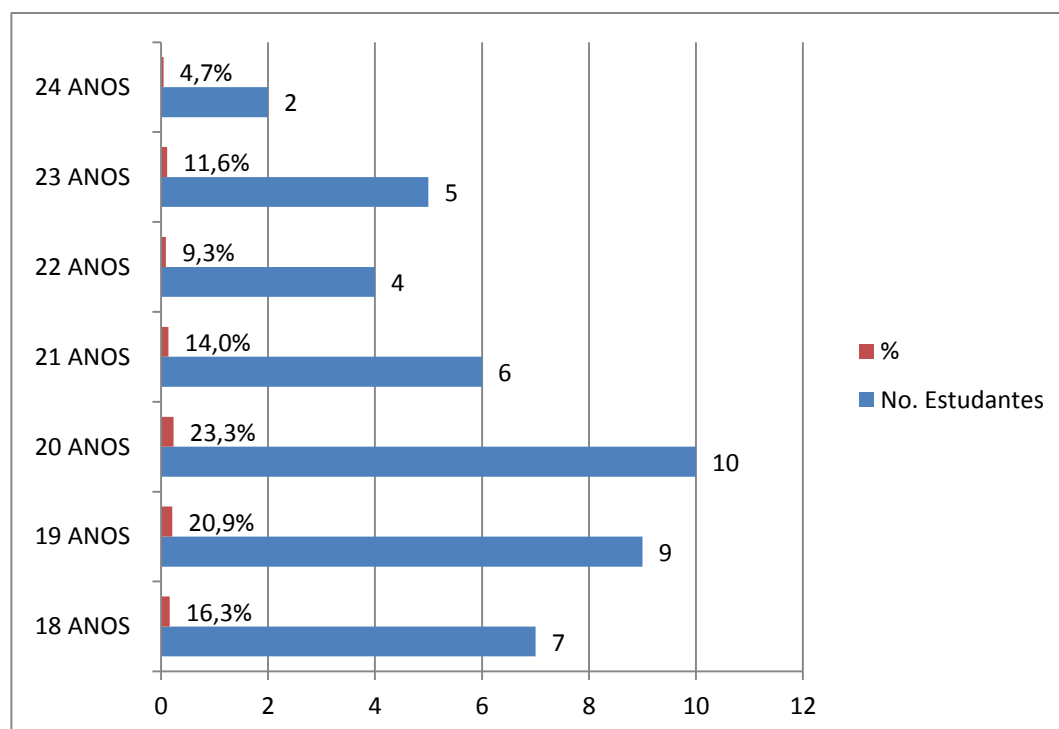
Tabela 7 - Idade

IDADE	Nº de estudantes	%
18 ANOS	7	16,3
19 ANOS	9	20,9
20 ANOS	10	23,3
21 ANOS	6	14,0
22 ANOS	4	9,3
23 ANOS	5	11,6
24 ANOS	2	4,7
TOTAL	43	100,0

FONTE: Arquivos Instituição 2012

O gráfico a seguir mostra esta configuração:

Gráfico 3: Idade



FONTE: Arquivos Instituição 2012

A inscrição no ProUni é feita com a entrega de uma série de documentos comprobatórios por parte do candidato, como *holleriths*, declarações registradas em cartório e, no caso do candidato não ter ocupação, ou ele entrega fotocópia de sua carteira de trabalho, mostrando que não há registro, ou faz uma declaração de próprio punho, ocorrendo o mesmo com os demais membros da família. Vinte e seis dos candidatos afirmam estar sem ocupação na data de inscrição, totalizando sessenta e dois por cento. Oito são auxiliares de administração ou similar, cinco são vendedores, dois são atendentes, um é estoquista e um é auxiliar de educação.

Estes dados são visualizados na tabela a seguir:

Tabela 8 - Ocupação do Estudante

OCUPAÇÃO DO ESTUDANTE	Nº de estudantes	%
SEM OCUPAÇÃO	26	62,2
AUXILIAR ADMINISTRATIVO (SIMILAR)	8	17,8
VENDEDOR (SIMILAR)	5	11,1
ATENDENTE	2	4,4
ESTOQUISTA	1	2,2
AUXILIAR DE EDUCAÇÃO	1	2,2
TOTAL	43	100,0

FONTE: Arquivos Instituição 2012

A ocupação do responsável familiar, que também é importante, pois é fonte de renda e está ligada ao status familiar, o que se constata na tabela a seguir é a forte presença de desempregados: doze desempregados, oito aposentados do INSS, oito pensionistas, dois aposentados militares, um ajudante de produção, um ajudante de serviços gerais, um autônomo, um auxiliar administrativo, um assistente administrativo, um auxiliar de enfermagem, um barbeiro, um encarregado de processamento de dados, um gerente de C.P.D., um oficial administrativo, uma professora de educação física, um servente de pedreiro e um trabalhador de instalações siderúrgicas. Em termos de classe social, pode-se dizer que o programa atinge as classes menos favorecidas, à qual ele se destina.

Tabela 9 - Ocupação do Responsável

OCUPAÇÃO DO RESPONSÁVEL	Nº de estudantes	%
DESEMPREGADO	12	28,0
APOSENTADO INSS	8	18,7
PENSIONISTA	8	18,7
APOSENTADO MILITAR	2	4,7
AJUDANTE PRODUÇÃO	1	2,3
AJUDANTE SERVIÇOS GERAIS	1	2,3
AUTÔNOMO	1	2,3
AUXILIAR ADMINISTRATIVO	1	2,3
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO	1	2,3
AUXILIAR ENFERMAGEM	1	2,3
BARBEIRO	1	2,3
ENCARREGADO PROCESSAMENTO DE DADOS	1	2,3
GERENTE DE C.P.D.	1	2,3
OFICIAL ADMINISTRATIVO	1	2,3
PROFA. EDUCAÇÃO FÍSICA	1	2,3
SERVENTE DE PEDREIRO	1	2,3
TRABALHADOR INSTALAÇÕES SIDERÚRGICAS	1	2,3
TOTAL	43	100,0

FONTE: Arquivos Instituição 2012

A renda familiar média é a soma de toda a renda auferida pela família, dividida pelo número de integrantes, entendendo-se família como as pessoas que moram na mesma casa com laços familiares. A pesquisa referente ao período estudado, segundo dados do IBGE, demonstra o seguinte:

Quadro 3 - Salário Mínimo Vigente em 2006 (R\$350)

CLASSES	Nº DE SALÁRIOS MÍNIMOS	VALOR TOTAL
A	ACIMA DE 20	ACIMA DE R\$ 7.000
B	ENTRE 10 E 20	DE R\$ 3.500 A R\$ 7.000
C	ENTRE 4 E 10	DE R\$ 1.400 A R\$ 3.500
D	ENTRE 2 E 4	DE R\$ 700 A R\$ 1.400
E	ATÉ 2	ATÉ R\$ 700

Fonte: Diário Oficial da União e IBGE

Quadro 4 - Salário Mínimo Vigente em 2007 (R\$380)

CLASSES	Nº DE SALÁRIOS MÍNIMOS	VALOR TOTAL
A	ACIMA DE 20	ACIMA DE R\$ 7.600
B	ENTRE 10 E 20	DE R\$ 3.800 A R\$ 7.000
C	ENTRE 4 E 10	DE R\$ 1.520 A R\$ 3.800
D	ENTRE 2 E 4	DE R\$ 760 A R\$ 1.520
E	ATÉ 2	ATÉ R\$ 760

Fonte: Diário Oficial e IBGE

Assim, em relação à renda familiar dos bolsistas, estas foram as classes sociais encontradas: quase vinte e seis por cento dos alunos têm renda familiar que os coloca na Classe C, enquanto que mais de setenta e quatro por cento estão na Classe D, como demonstrado na tabela a seguir:

Tabela 10 - Renda Familiar

CLASSES	SALÁRIOS MÍNIMOS	ENTRE 2006 E 2007	%
A	ACIMA DE 20	0	0,0
B	ENTRE 10 E 20	0	0,0
C	ENTRE 4 E 10	11	25,6
D	ENTRE 2 E 4	32	74,4
E	ATÉ 2	0	0,0
TOTAL		43	100,0

FONTE: Arquivos Instituição 2012

O ProUni, neste período, oferecia bolsas do tipo integral, parcial de cinquenta por cento e parcial de vinte e cinco por cento. Neste período estudado, não há opção pela parcial de vinte e cinco por cento. Optantes por bolsa integral, são vinte e quatro; e dezenove, pela parcial de cinquenta por cento, como a tabela a seguir deixa claro.

Tabela 11 - Tipos de bolsa

TIPOS DE BOLSA	Nº de estudantes	%
INTEGRAL	24	55,8
PARCIAL 50%	19	44,2
TOTAL	43	100,0

FONTE: Arquivos Instituição 2012

A instituição estudada oferece diversos cursos e, nos anos de 2006 e 2007, estes foram os escolhidos pelos candidatos ProUni: vinte e dois escolheram administração; quinze, comunicação; cinco, relações internacionais; e um, direito, como se pode verificar na tabela abaixo.

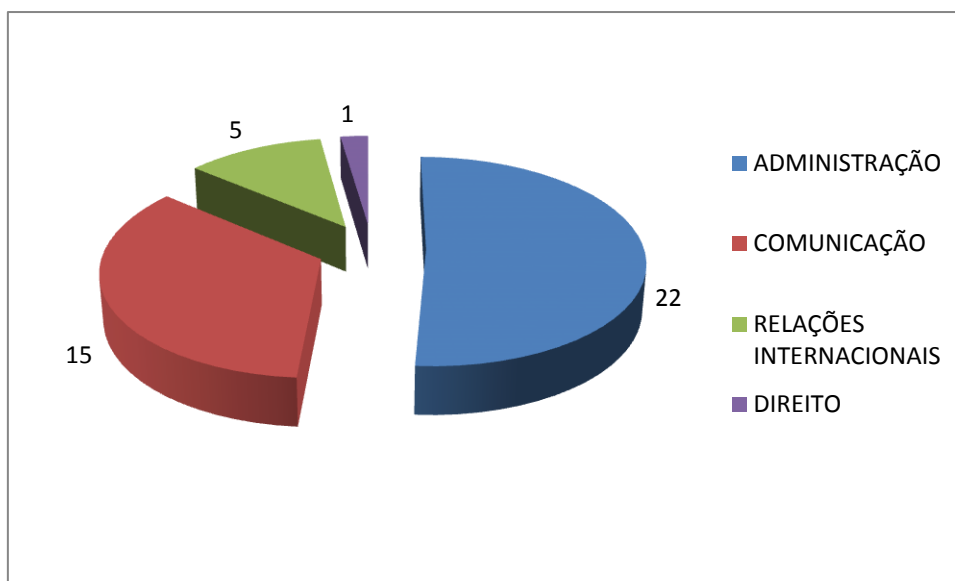
Tabela 12 - Cursos escolhidos

CURSOS	Nº de estudantes	%
ADMINISTRAÇÃO	22	51,2
COMUNICAÇÃO	15	34,9
RELAÇÕES INTERNACIONAIS	5	11,6
DIREITO	1	2,3
TOTAL	43	100

FONTE: Arquivos Instituição 2012

Através do gráfico, podemos melhor visualizar:

Gráfico 4: Cursos Escolhidos



FONTE: Arquivos Instituição 2012

Dentro do curso de Administração, o candidato pode escolher entre as habilitações disponíveis: finanças, marketing ou administração plena, em que o aluno não escolhe qualquer habilitação. Os candidatos fizeram as seguintes escolhas: cinco por finanças; onze por marketing; e sete resolveram não fazer habilitação, como a tabela abaixo demonstra:

Tabela 13 - Habilitação em Administração

HABILITAÇÃO	Nº de estudantes	%
FINANÇAS	5	21,8
MARKETING	11	47,8
SEM HABILITAÇÃO	7	30,4
TOTAL	23	100,0

FONTE: Arquivos Instituição 2012

Nos cursos de Comunicação Social, neste período estudado, dos candidatos de 2006 e 2007, todos escolheram pela habilitação em Propaganda e Publicidade. Nos demais cursos, Direito e Relações Internacionais, a instituição não oferece habilitação.

A instituição oferece os cursos em dois períodos: matutino e noturno. Aos candidatos, na ocasião da matrícula, é comunicado que a instituição oferece os primeiros quatro semestres no período matutino e depois automaticamente o curso acontece apenas no noturno. Isso ocorre em virtude da instituição ser uma faculdade voltada para o mercado, então o estudante deve estar preparado para trabalhar desde o começo do curso. O estudante passa do quarto semestre matutino para o sexto semestre noturno, automaticamente. Estas foram as escolhas dos candidatos: trinta e seis escolheram o noturno, perfazendo oitenta e três por cento, e sete escolheram o diurno, perfazendo dezesseis por cento do total. A tabela a seguir mostra mais claramente estes dados:

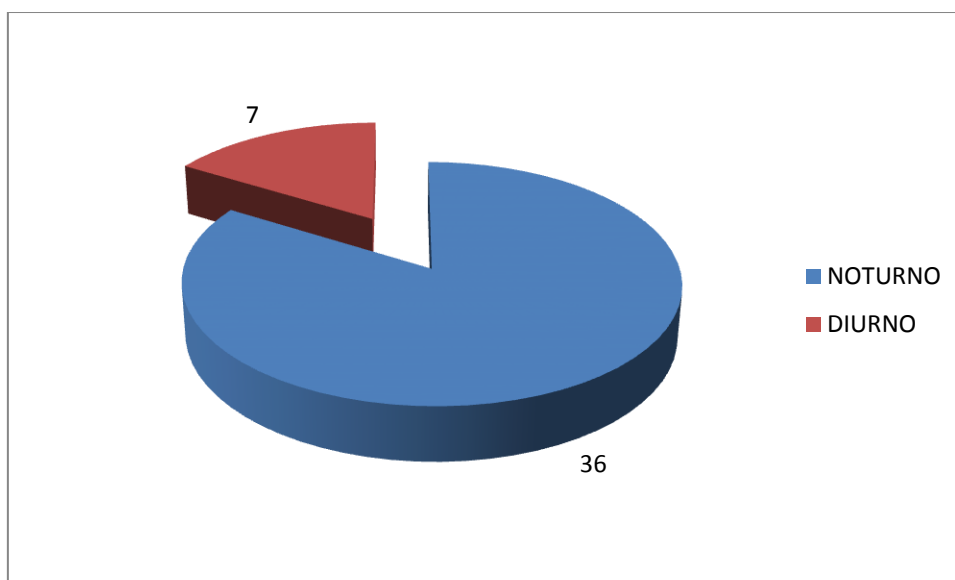
Tabela 14: Período de Estudo

PERÍODO	Nº de estudantes	%
NOTURNO	36	83,7
DIURNO	7	16,3
TOTAL	43	100,0

FONTE: Arquivos Instituição 2012

No gráfico a seguir fica clara a escolha do período:

Gráfico 5: Período de Estudo



FONTE: Arquivos Instituição 2012

A pesquisa demonstrou que esta era a situação da bolsa ProUni em 24/04/2012, segundo seu relatório oficial: trinta e um estudantes tinham concluído o curso, seis ainda encontravam-se matriculados, três solicitaram o encerramento da bolsa, um teve esgotado o prazo máximo de suspensão, um não utilizou por não ter sido formada turma no período letivo do curso e um teve seu rendimento acadêmico insuficiente, como deixa claro a seguinte tabela.

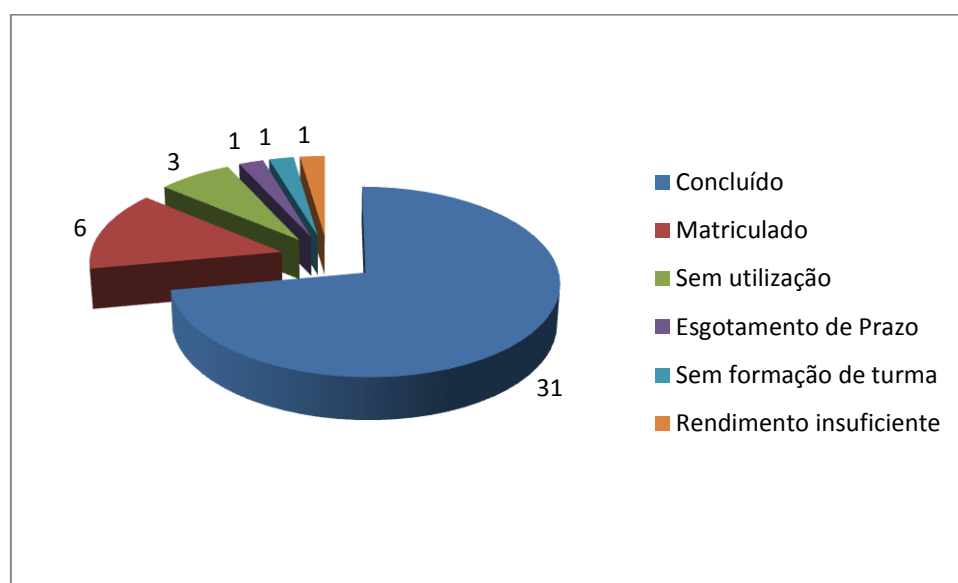
Tabela 15 - Situação do Bolsista

SITUAÇÃO	Nº de estudantes	%
Concluído	31	72,1
Matriculado	6	14,0
Sem utilização	3	7,0
Esgotamento de Prazo	1	2,3
Sem formação de turma	1	2,3
Rendimento insuficiente	1	2,3
TOTAL	43	100,0

FONTE: Arquivos Instituição 2012

Veja o gráfico a seguir, que demonstra a situação do bolsista.

Gráfico 6: Situação do Bolsista



FONTE: Arquivos Instituição 2012

6 PROUNI E SEUS RESULTADOS

6.1 Como a população percebe o ProUni

Considerando a amplitude de alcance do ProUni, torna-se necessário verificar como a população, em geral, o vê. Neste sentido, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) desenvolveu o Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS), com o objetivo de captar a opinião e a avaliação da população brasileira sobre políticas e serviços públicos em diversas áreas, como saúde, cultura, trabalho, justiça, segurança pública e mobilidade urbana, entre outras (SISP – 28/02/2011).

Referente à educação, dados do SISP de 28/02/2011 demonstram que, dos programas de fomento à educação, o ProUni é o mais conhecido da população. Os dados apontam que 61% dos entrevistados afirmavam conhecer o ProUni, provavelmente devido às propagandas nas diversas mídias. A primeira questão referia-se ao número de vagas oferecidas. Quanto a este aspecto, 84,2% das pessoas entrevistadas achavam que este número é insuficiente ou pouco. Os critérios sobre a seleção de bolsistas foram considerados bons por 32,7%, e regulares por 40%. Apenas 27,3% dos entrevistados acharam os critérios ruins.

Referente à questão sobre a manutenção do ProUni, 73,4% dos entrevistados afirmava que deveria ser ampliado, 24,0% deveria ser mantido como está, enquanto apenas 0,9% apontam que deveria ser reduzido, e 1,6%, extinto.

Outro ponto a ser discutido foi a isenção de impostos das instituições superiores parceiras deste programa. As respostas indicam que 37,7% afirmam que a isenção de impostos deveria ser mantida; 27,3%, que deveria ser ampliada; 18,6%, que deveria ser reduzida e 16,3% dizem que deveria ser extinta a isenção.

Este relatório finaliza indicando que “os avanços percebidos pela população se situam na percepção de melhoras num sistema educacional que está num patamar ainda baixo em termos de qualidade, quando posto em

comparação com pesquisas de amplitude internacional” (SISP – 28/02/2011, p. 20).

Em suma, esta avaliação efetuada pelo IPEA sugere que a população percebe a melhora no ensino superior no que se refere ao acesso, entretanto, a qualidade da educação no Brasil ainda deixa a desejar.

6.1.2.O QUE PENSAM OS EGRESSOS

6.1.2.1. Um olhar quantitativo

Os dados que servem de base para a análise sobre o que pensam os egressos a respeito do ProUni foram obtidos após consulta prévia e concordância dos participantes em responder o questionário. Neste contato, foi assegurado aos respondentes, que as informações não apresentam risco de identificação, pois as respostas destinavam-se única e exclusivamente à pesquisa.

Responderam ao questionário os trinta e sete dos egressos estudados. Os questionários foram enviados e preenchidos *on line*. Todos consentiram em participar como sujeito da pesquisa e, ao invés de aparecerem com nome, aparecem com um número que foi atribuído quando do recebimento do questionário.

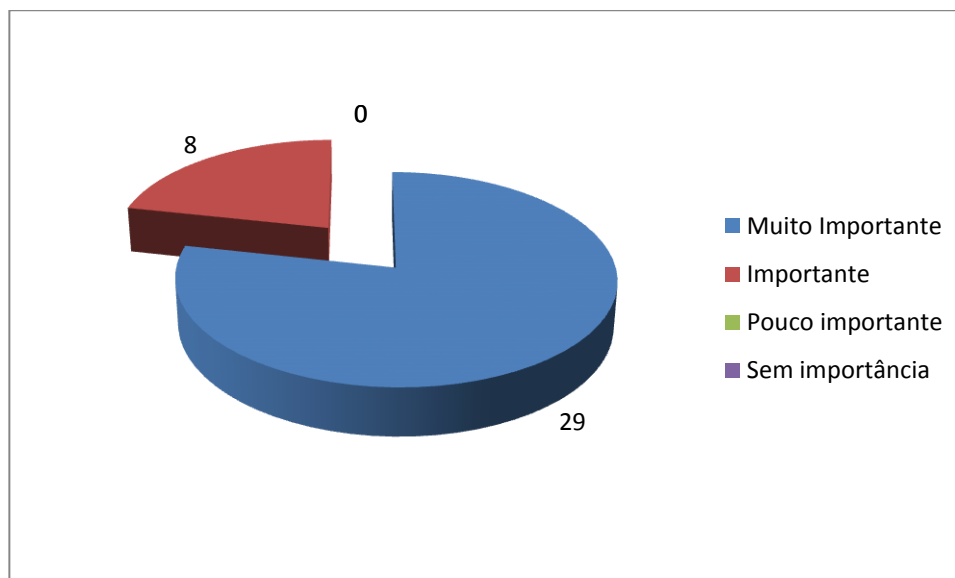
O que o curso realizado significou para você? Esta foi a primeira questão. Para esta questão 78,4% responderam que foi “muito importante” o curso realizado; 21,6% disseram ser “importante”. Ninguém respondeu que o curso “nenhuma importância” teve para a sua vida.

Tabela 16 - Importância do curso

Importância	Nº de respondentes	%
Muito Importante	29	78,4
Importante	8	21,6
Pouco importante	0	0,0
Sem importância	0	0,0
Total	37	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

Gráfico 7: Importância do curso



Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

Quando questionados do por que da importância do curso, todos foram unânimes em afirmar que o curso fez toda a diferença, pois conseguiram realizar suas aspirações. A seguinte afirmativa de uma das respostas exemplifica esta constatação:

O curso de ensino superior feito foi um divisor de águas na minha carreira; o curso me propiciou a oportunidade de atuar em áreas profissionais que antes seria impossível de executar, mudando totalmente o direcionamento da minha vida profissional.
(Respondente 2)

A pergunta seguinte procura avaliar que impacto o curso teve na vida do egresso. Dos trinta e sete respondentes, 97,3% responderam que o curso teve um “grande impacto” em sua vida; apenas 2,7% afirmaram que o impacto foi moderado.

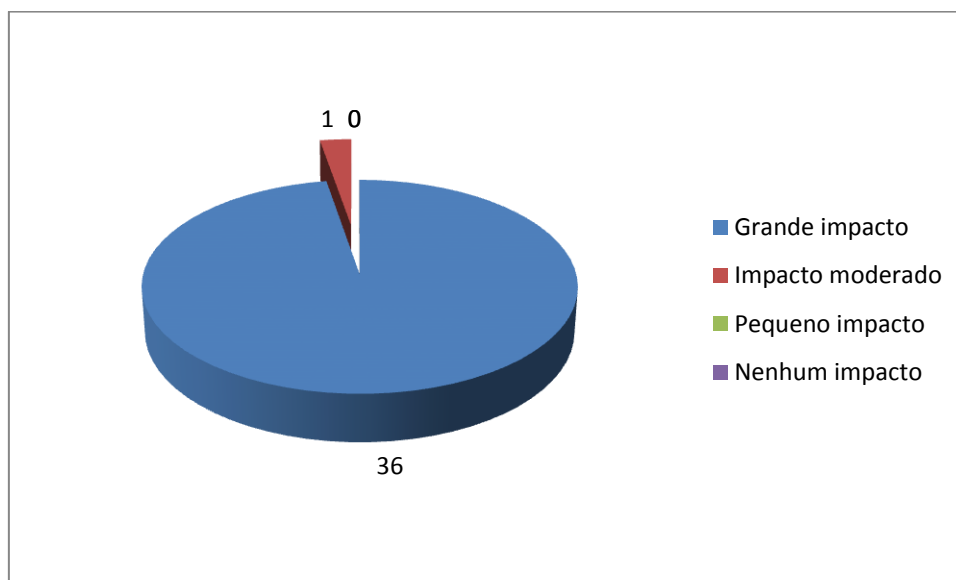
Tabela 17 - Impacto do curso na vida do egresso

Impacto	Nº de respondentes	%
Grande impacto	36	97,3
Impacto moderado	1	2,7
Pequeno impacto	0	0,0
Nenhum impacto	0	0,0
Total	37	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

Através do próximo gráfico fica melhor a visualização sobre o impacto do curso na vida do egresso.

Gráfico 8: Impacto do curso na vida do egresso



Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

Como se vê, é quase unânime a afirmação de que o curso realizado teve profundo impacto na vida dos estudantes bolsistas. O porquê deste curso ter tido impactos em suas vidas, fica claro através das afirmações:

“Devido à graduação eu pude me desenvolver academicamente e canalizar os esforços que eu precisava para me desenvolver profissionalmente” (Respondente 3).

“O impacto foi grande e refletiu diretamente em minha qualidade de vida e da minha família, pois foi através dele que consegui uma ótima profissão, que me remunera adequadamente” (Respondente 5).

A pergunta seguinte avalia a importância que o curso teve para a vida, em específico a profissional. Trinta e cinco egressos, ou seja, 94,6%, responderam que foi muito importante para a vida profissional o curso realizado na instituição. Apenas dois ex-alunos disseram ser de importância moderada para a vida profissional o curso realizado.

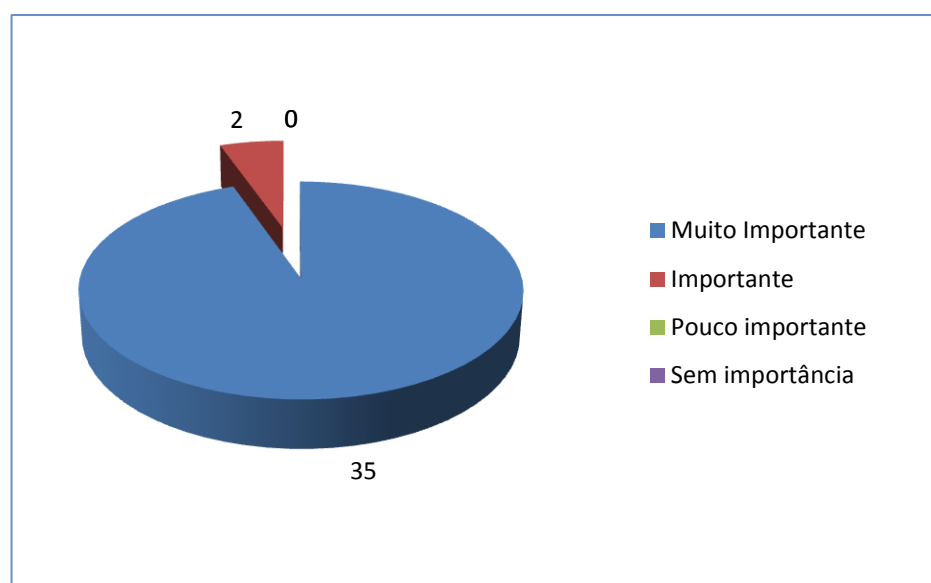
Tabela 18: Importância do curso para a vida profissional

Importância	Nº de respondentes	%
Muito Importante	35	94,6
Importante	2	5,4
Pouco importante	0	0,0
Sem importância	0	0,0
Total	37	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

O gráfico abaixo mostra a importância do curso para o egresso.

Gráfico 9: Importância do curso para a vida profissional



Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

Um dos respondentes fez a seguinte declaração: “passei de peão de fábrica para subgerente; um grande passo.” (Respondente 4)

A questão seguinte permite identificar a ocupação atual dos respondentes.

Tabela 19: Ocupação atual

Ocupação	Nº de respondentes	%
Advogado	1	2,7
Analista de Crédito/Custo	8	21,6
Supervisão Atendimento ao Cliente	3	8,1
Consultor Financeiro/ Técnico	2	5,4
Controler	1	2,7
Estudante (intercâmbio)	3	8,1
Gerente (médias e pequenas empresas)	5	13,5
Supervisão Diversos	7	18,9
Sem Ocupação (desempregados)	3	8,1
Treinee	1	2,7
Sub gerentes (diversos)	3	8,1
Total	37	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

A observação que se faz é que passado pouco tempo da formatura, os ex-alunos encontram-se em posições que indicam trabalho qualificado, destacando-se: gerência, supervisão e analista. Ao comparar esta situação com as famílias de origem dos egressos, fica claro que houve uma mudança sensível, indicando melhora e ascensão profissional, resultante das oportunidades de ter cursado nível superior.

A percepção positiva da situação alcançada aparece na seguinte questão: Você está contente com sua ocupação atual? Dos trinta e sete respondentes, trinta estão muito contentes, perfazendo 81,1% do total; quatro estão contentes, 10,0%; e apenas, três, 8,1% estão descontentes, fato explicado por estarem sem ocupação (desempregados) atualmente.

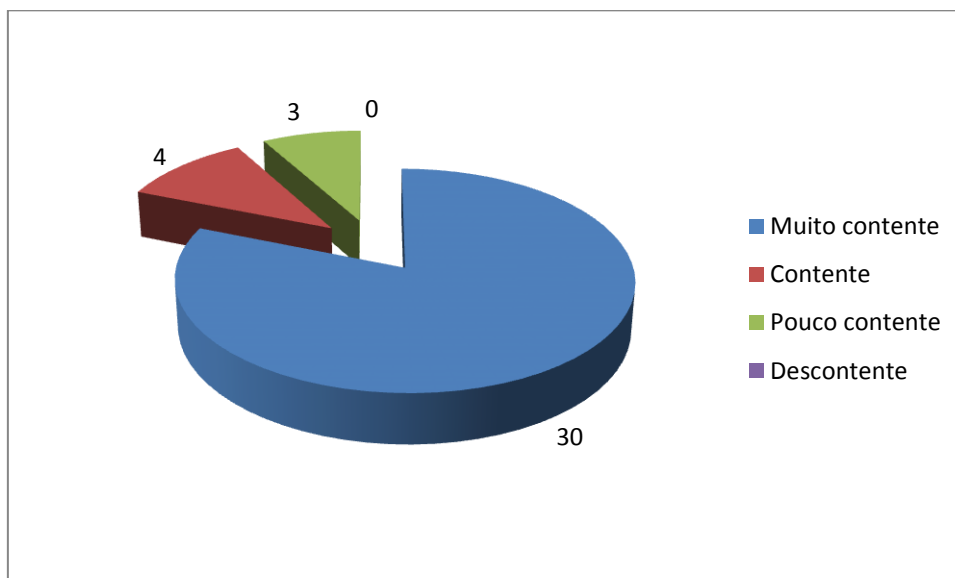
Tabela 20: Se está contente com a situação atual

Contente	Nº de respondentes	%
Muito contente	30	81,1
Contente	4	10,8
Pouco contente	3	8,1
Descontente	0	0,0
Total	37	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

No gráfico a seguir a demonstração da satisfação com a situação atual.

Gráfico 10: Se está contente com a situação atual



Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

A questão seguinte refere-se ao rendimento considerando renda como indicador usual de classe social; trata-se de uma informação crucial para identificar a mobilidade social.

Foi proposta a seguinte pergunta: Você poderia revelar seu rendimento bruto mensal atual? Trinta e seis respondentes, 97,3%, responderam sim e apenas um, 2,7%, que não queria revelar seu rendimento. Desses 97,3%, incluídos os que estão sem ocupação (desempregados) e os que estão em intercâmbio estudantil, e, portanto sem ter renda, a média salarial bruta mensal é de R\$ 2.681, 25. Deve-se destacar em acréscimo que mais de 80% dos egressos ganham acima de R\$ 2.000,00 (4,5 salários mínimos) sendo que na

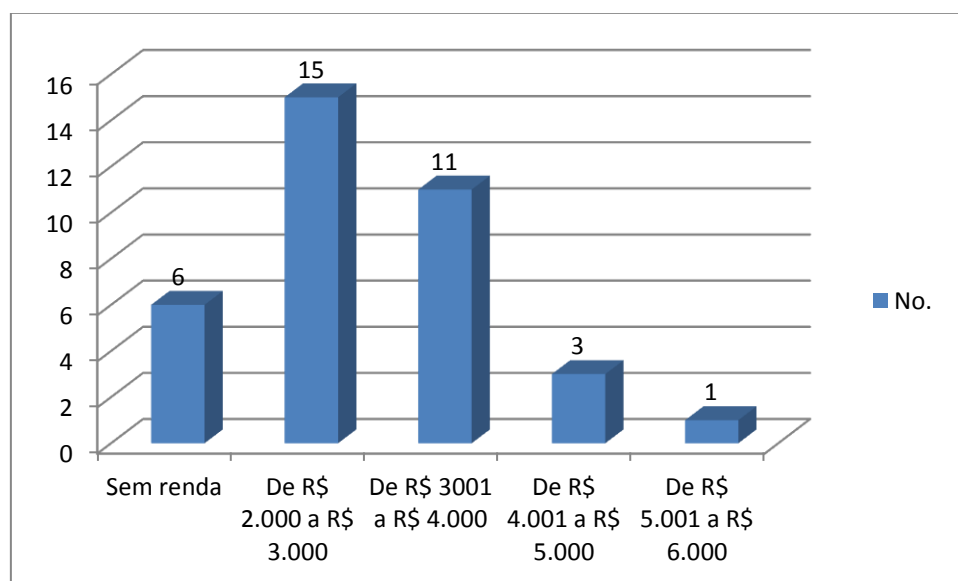
faixa de salário mais alta, 11,1% recebe acima de R\$ 4.000,00 (8,5 salários mínimos atuais).

Tabela 21: Rendimento bruto mensal atual

Faixa de Rendimento	No. de respondentes	%
Sem renda	6	16,7
De R\$ 2.000 a R\$ 3.000	15	41,7
De R\$ 3001 a R\$ 4.000	11	30,6
De R\$ 4.001 a R\$ 5.000	3	8,3
De R\$ 5.001 a R\$ 6.000	1	2,8
Total	36	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

Gráfico 11: Rendimento bruto mensal atual



Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

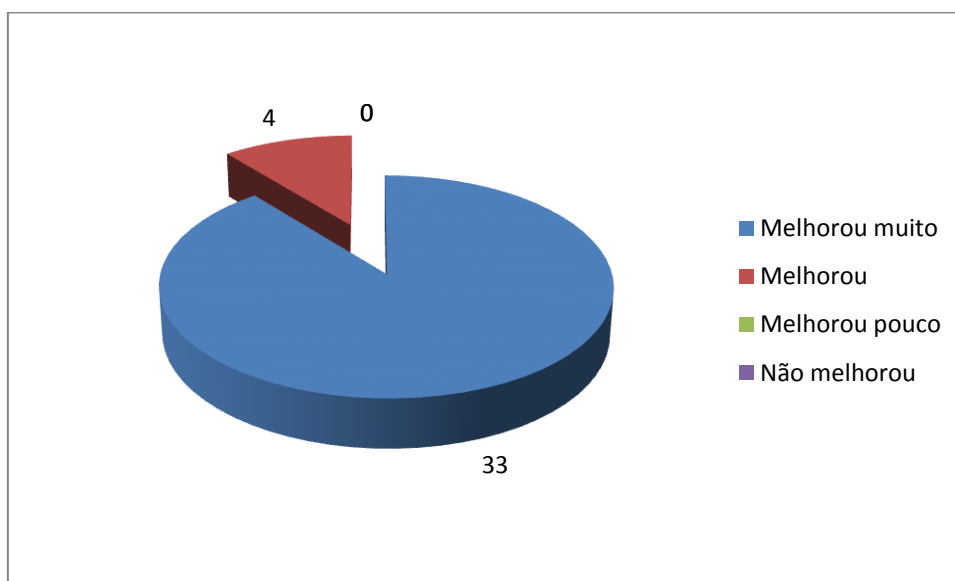
Procurando avaliar o rendimento após o término do curso, a percepção que estes egressos têm sobre o seu rendimento é de que para a totalidade dos respondentes, o rendimento melhorou muito para 89,2%; apenas 10,8% acham que apenas melhorou.

Tabela 22: Melhora do rendimento após o término do curso

Situação	No. de respondentes	%
Melhorou muito	33	89,2
Melhorou	4	10,8
Melhorou pouco	0	0,0
Não melhorou	0	0,0
Total	37	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

Gráfico 12 - Melhora do rendimento após o término do curso



Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

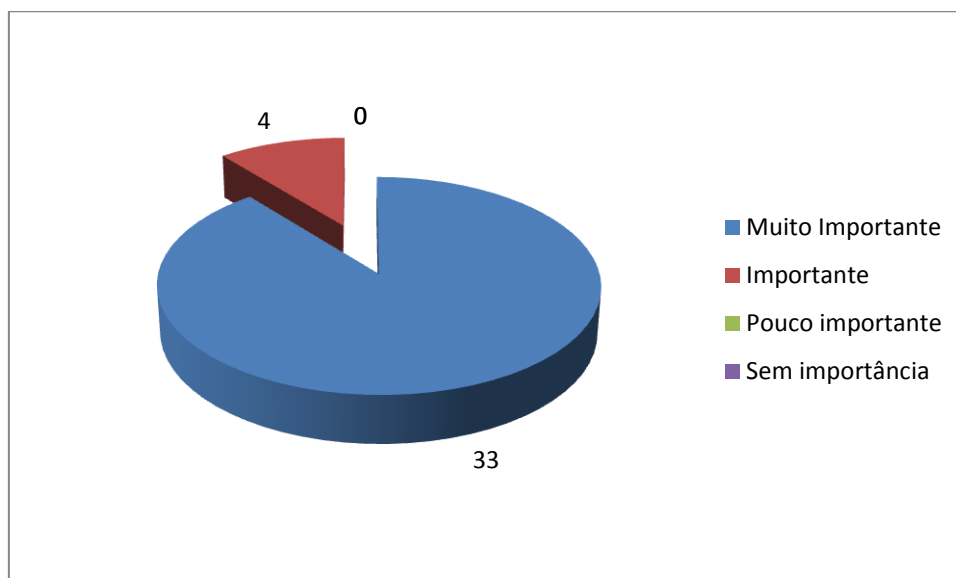
A última pergunta proposta aos respondentes refere-se a como avalia o fato de ter sido bolsista ProUni. O fato de ter sido bolsista ProUni foi “muito importante” para 89,2%; os restantes 10,8% consideram “importante”.

Tabela 23 - Como avalia o fato de ter sido bolsista ProUni

	No. de respondentes	%
Importante		
Muito Importante	33	89,2
Importante	4	10,8
Pouco importante	0	0,0
Sem importância	0	0,0
Total	37	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

Gráfico 13: Como avalia o fato de ter sido bolsista ProUni



Fonte: Pesquisa de campo - Junho/2013

Todos os trinta e sete egressos afirmam a importância do ProUni, pois sem ele não teriam condições de cursar uma faculdade e, portanto realizar seus desejos.

Algumas das afirmações:

“Sem o Prouni eu não teria a oportunidade de cursar uma boa faculdade como a... devido ao valor das mensalidades; e talvez tivesse tido mais dificuldades para estudar, levando mais tempo para fazer um curso superior.” (respondente 6).

“Sem a bolsa do Prouni eu não teria entrado na faculdade no tempo que entrei e teria atrasado, com certeza, meu desenvolvimento pessoal e profissional.” (Respondente 5).

“Sem ProUni, sem faculdade” (Respondente 1).

6.1.2.2. Um outro olhar

6.1.2.2.1. Um olhar de todos

Este outro olhar dos ex-alunos bolsistas procura ir além dos dados quantitativos. As informações que denotam outro olhar foram obtidas através de entrevistas em profundidade a partir de convite feito a todos os ex-alunos bolsistas. Foram realizadas sete entrevistas. Estes dados qualitativos dão maior suporte aos dados vistos e analisados no tópico anterior.

Dos sete entrevistados, 5 eram mulheres e 2 homens. Desses, cinco estavam empregados e 2 desempregados. Dos entrevistados todos tinham diversas características em comum: tiveram uma infância cheia de folguedos na rua, assistiam à televisão que ficava na sala da casa, assistida por toda a família, com mais de três filhos. Um dos entrevistados declarou: “Então nessa época não tinha TV a cabo, nada, então era só SBT e Globo, e quando eu era criança, meu pai não deixava assistir Globo, por causa das novelas, então era mais SBT mesmo, depois que fiquei mais velha daí ele começou a deixar.” (Respondente 2).

A Internet ainda não estava disponível a estes entrevistados: “ih, não tinha internet nem computador lá em casa, quando era criança.” (Respondente 4).

As casas tinham poucos cômodos e os irmãos compartilhavam os mesmos quartos: “eu dormia com as minhas irmãs, que eram três, e meus irmãos dormiam juntos, que eram dois”. O esporte não era praticado como atividade em lugares, como clube ou academia, por exemplo, mas no seu dia a dia, através de brincadeiras, com vizinhos e família, dentro da própria casa, ou

na rua: “nós brincávamos lá na rua mesmo, fazíamos o gol com duas havaianas e jogávamos até chegar a noite.” (Respondente 7).

A partir da adolescência, vão percebendo a necessidade de novas perspectivas e partir para uma nova jornada juntamente com estudo e trabalho: “eu via que faltava muita coisa, coisa material mesmo, e eu sabia que só estudando eu ia conseguir mais.” (Respondente 2).

A partir da juventude, perceberam que a única maneira de “sair de sua vida” seria estudando, como afirma uma das entrevistadas: “via todo mundo engravidando, ou trabalhando em lugares nada legais, e queria algo mais; queria sair daquela vida...” (Respondente 3).

Todos eles afirmaram que prestar vestibular foi uma oportunidade de mudar de vida e todos perceberam que era sua única oportunidade. A escolha da Instituição onde se formaram se deu pelo reconhecimento que ela tem no mercado; a informação boca a boca foi a responsável pela investigação, descoberta, realização de vestibular, depois a matrícula. A partir do momento em que passaram pelo vestibular e conseguiram ser bolsistas ProUni, estes começaram a estudar na instituição escolhida. A partir dos primeiros semestres já começaram a estagiar em empresas reconhecidas na cidade de Sorocaba.

Todos deixaram claro que foi a partir de sua própria busca e realização do curso que houve uma mudança cultural; que eles passaram a participar de atividades culturais e integração com outros grupos os quais não participavam antes do curso. Os antigos amigos deixaram de ser predominantemente os amigos de agora; a distância cultural e acadêmica com seus antigos amigos e colegas mudou. Sua visão de mundo também mudou, pois a faculdade proporcionou novos olhares e novas referências, seja no âmbito acadêmico, através dos professores e colegas, seja no âmbito pessoal. A faculdade proporcionou a eles relacionarem-se com outras pessoas que de outra maneira não conheceriam. Seus relatos indicam que as relações familiares se estreitaram, pois todos passaram a dar mais valor à família, apesar de muitas vezes sua família nem compreender exatamente o que eles faziam quanto a estudo e trabalho.

A partir do momento que começaram a fazer faculdade, todos falam claramente sobre a mudança de olhar sobre as coisas vividas anteriormente, referente a racismo, homossexualidade, feminismo, religião, etc. Essa mudança se deu devido ao conhecimento nas áreas de filosofia, antropologia, psicologia, e outras maneiras de ver e perceber o mundo.

Para todos os entrevistados, o ProUni foi de importância vital na mudança de sua vida, pois sem ele não seria possível fazer uma faculdade, mesmo a particular. A partir do ProUni, fizeram faculdade e puderam se desenvolver em habilidades que tiveram oportunidade de conhecer e aperfeiçoar.

Na vida adulta, após o término da faculdade, foram escolhidos por diferentes empresas, com expectativa de ascensão. Todos deixaram claro como a faculdade os preparou para essa nova etapa de sua vida e quanto foi importante terem feito um bom curso, segundo eles, para estarem preparados para os desafios do mundo do trabalho, nas empresas.

Nas entrevistas, quando pedido para falarem de sua condição sócio econômica em relação ao antes e ao depois de terem estudado, todos afirmaram que o curso foi o responsável pelo sucesso financeiro e social que alcançaram. Como relata um dos entrevistados:

“Antes eu vivia na casa de meu pai, muito longe e apertada, mas agora, me casei e temos tudo o que queremos: TV de LED, TV a cabo, computador, banda larga. Compramos carro novo. Saímos para comer fora.” (Respondente 4).

Todos falaram sobre a importância crucial do ProUni para terem vencido na vida: “sem ProUni, sem faculdade; sem faculdade, sem emprego; sem emprego, sem vida que temos hoje.” (Respondente 6)

6.1.2.2.2. Um olhar particular

Pelas entrevistas, percebeu-se que ou a vida foi difícil devido à falta de recursos econômico financeiros dos pais, ou alguma outra mudança em algum momento da vida:

“Então de certa forma, as minhas irmãs mais velhas tiveram três pais, e eu de certa forma tive dois pais né?! Apesar de, obviamente, considerar muito o meu pai biológico. ... e aí esse início de infância foi uma infância perfeita, obviamente que depois a gente foi tendo problemas, né?! De família, isso ... infelizmente acontece em muitas famílias, né?! Meu pai com amigos, se envolveu com álcool, né?! E aí hoje a gente entende que isso é uma doença, né? ... Naquela época era considerado um sem vergonha. A mudança foi marcante, porque quando eu morava... com meu pai, com minha mãe nós tínhamos uma casa de seis cômodos, tinha dois banheiros na casa, né?! Tinha um quintal gigantesco, tinha pé de tudo, pé de goiaba, pé de de... pé de manga, manga não... tinha... pé de goiaba, pé de ameixa, cana, tinha galinha... e tudo isso numa casa que era urbana, não era uma casa que era rural... né?!... depois nos mudamos para dois cômodos, eu, minha mãe e minhas três irmãs...E depois disso a família degradingolou... sem emprego, sem recursos, fomos morar com minha avó, e o dinheiro não existia mais...” (Respondente 3).

Quanto aos antigos amigos do ensino médio:

“Meus amigos todos do Colegial todos prestaram vestibular, os daqui que eram o pessoal que eu saía, alguns começaram a fazer cursinho, continuaram o cursinho, outros pararam de estudar no momento e outros começaram a fazer a faculdade, mas foram muito poucos que fizeram faculdade mesmo, até o final.” (Respondente 5).

Outro entrevistado afirma:

“A maioria dos meus antigos colegas não fizeram [faculdade]... Tem alguns que até começaram depois, mas direto não. E é até engraçado porque o pessoal daqui de (cidade nas cercanias de Sorocaba) ... é um pessoal que tem

mais dinheiro; os meus amigos que tinham mais dinheiro e a maioria deles não fizeram a faculdade e os de Sorocaba que eram todos mais ou menos...fizeram e até acabaram..." (Respondente 7).

Quanto a realizar o curso na instituição escolhida, um dos entrevistados respondeu:

"Eu conhecia a instituição, já estava lá, né?! por causa do [cursinho] e [a instituição] e o conceito da instituição era bom, é bom no mercado, a nota do ENADE, então... na época eu comecei a fazer o curso escolhido; não era muita faculdade que tinha esse curso..." (Respondente 4)

Quanto à mudança de perspectiva proporcionada pelo curso realizado e mudança nos "olhares":

"Os professores também, eu acho que lá tem uma relação muito próxima com os alunos; então... não acho que uma relação de professor mesmo é como se fossem colegas de trabalho; só que um tem mais experiência e o outro [o aluno] não tem experiência nenhuma, digamos assim... Mas acho que foi muito bom pra mim, pra eu aprender também a lidar no mercado; isso abriu a cabeça." (Respondente 5)

A mudança na visão da homossexualidade, constituiu-se um dos aspectos da mudança geral ocorrida:

"...porque eu era muito tímido, muito introspectivo, até que eu mudei da água pro vinho, né? de repente eu mudei e além de ser muito introspectivo, tinha toda aquela coisa de ser gay; pra mim não [era] uma escolha, nem uma orientação, porque ninguém me orientou a ser gay. Pra mim é um ser como se fosse uma condição, é que na psicologia essa palavra condição está meio estranha, mas é como se fosse uma condição sexual; não é uma opção e nem uma orientação; e ai, isso já é perceptivo desde criança; você percebe na criança quando ela tem alguma tendência, né? ... e ai os amiguinhos que, criança é muito, muito, cruel, bichinho mais cruel que tem crianças, ai eu sofria muito bullying desde essa época, né? então uma situação bem complicada, ai eu voltei pra cá pra estudar, porque o que restava era estudar. A partir da

facul... eu conheci um monte de gente com a minha opção... e me assumi como gay..." (respondente 2)

A faculdade proporciona novos olhares e novos saberes:

"Ah... hoje um dos maiores amigos que eu tenho, hoje, são as pessoas que eu fiz na [faculdade] né?!... Que eu conheci na [faculdade] ... Então a [faculdade] pra mim teve essa importância... acadêmica que eu já disse, né?! Mas teve uma importância social muito grande e conseqüentemente cultural, né?! Porque esses amigos me trouxeram outros conhecimentos e outros horizontes, né?! Outras visões de mundo, de cinema, da própria publicidade, os próprios questionamentos da publicidade, o quanto isso é legal, o quanto isso é, é... eu sou impostor capitalista que quero comprar você e ganhar muito dinheiro na suas costas... (risos); então todos esses questionamentos você tem e eu tenho até hoje... principalmente esse último... e ai isso foi muito importante, ai então o relacionamento, não digo somente [nesta faculdade] mas de qualquer Universidade, ele transpassa a... a ordem acadêmica, né?! Vai pra uma ordem social e de formação da pessoas mesmo, né?! De caráter, né?! E de... e tudo mais. Obviamente que isso não é responsabilidade da universidade, mas ela pode fomentar isso cada vez mais." (Respondente 5)

Quanto à importância do ProUni, um dos entrevistados respondeu:

"O ProUni é muito pequeno... é um nada, dentro da instituição; talvez se tivesse, no mínimo, o dobro de alunos pelo ProUni na [instituição] , porque é tão pouca a quantidade de vaga, que parece que não é condizente; parece que existe uma lei, existe uma regra... que poderia ser mais, sabe?! Podia ter mais opções, podia fazer mais [por] esse pessoal, que muitas vezes é gente da periferia mesmo, sabe?! ... é uma pessoa que teve uma realidade completamente diferente, sabe?! ... isso agrega tanto... eu entendo por exemplo, que a minha presença dentro de uma sala de aula [na faculdade], agregou muito pros outros alunos que não tiveram, porque praticamente ninguém da minha sala, era só eu e mais um... que teve uma história de vida parecida... o resto não viveu essa história toda, né?! E ai se você coloca mais gente nesse bolo, você dá uma misturada a mais nessas pessoas e daí você

traz mais essa vivencia, de lá pra cá e daqui pra lá; e aí não tem só dois lados, vão ter vários lados...Então eu acho que essa diversidade poderia ser maior. Eu considero sim a [faculdade] como uma universidade, uma faculdade elitista... ligada aos programas sociais...” (Respondente 1)

Quanto ao sucesso financeiro:

“ Você vê, nós compramos este apartamento, mobiliamos e o carro lá na garagem é novo... estamos muito bem, e eu e meu marido fomos ambos bolsistas do ProUni... sem ele não teríamos o que temos hoje... teria sido impossível uma facul...” (Respondente 4)

Como se podem perceber estes egressos tiveram mobilidade social, pois tanto se movimentaram em sentido ascendente na pirâmide social, melhoraram de situação econômica social, em relação ao responsável familiar e em relação ao início do curso.

Todos os que estão empregados, tem uma situação financeira melhor agora do que quando entraram na instituição de ensino superior. Dos que estão desempregados, a metade deles estão por escolha própria, pois estão fazendo intercâmbio cultural em outros países e países onde foi necessário fazer poupança para passar no mínimo 6 meses, em países como, Inglaterra, Nova Zelândia e Austrália. A Austrália, tem se tornado nos últimos anos, um dos lugares onde o intercâmbio é mais caro do que em outros países, em que a língua inglesa é a oficial.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da idéia de classe social e mobilidade social, este estudo procurou analisar o papel da educação superior como fator de abertura de oportunidades sociais para populações de baixa renda. A pesquisa deu destaque ao papel do Estado na promoção de políticas que facilitam o acesso à educação superior, no caso o ProUni.

Após a pesquisa e o relatório feito, percebe-se que a renda e a ocupação dos bolsistas ProUni na IES pesquisada apresentaram alterações significativas. Os dados apontam quão importante foi a bolsa como fator que abriu novas portas para a vida; os dados obtidos junto aos ex-alunos bolsistas o confirmam.

Desse ponto de vista no que se refere à atuação do poder público ao implementar políticas de inclusão, neste caso, ao Ensino Superior, os dados indicam o quão importante foi para os egressos disporem de uma bolsa de estudos, aumentando sua renda, descortinando novos horizontes culturais, criando e mantendo novas relações com pessoas diferentes social e culturalmente, aumentando suas conexões e criando oportunidades de sucesso profissional, social e financeiro.

Este estudo apresenta uma limitação por abranger uma IES apenas, caracterizando-se assim com um estudo de caso, portanto, não permite amplificar seus resultados para um universo maior. Contudo, isto não elimina a validade de seus resultados que agregados a outros estudos desta natureza permitirão avaliar com maior abrangência os impactos do ProUni, enquanto política de inclusão na Educação Superior.

8. BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Janete M. Lins de. **A Educação como Política Pública**. 3a. Campinas: Autores Associados, 2004. (Polemicas de Nosso Tempo - Vol 56).

BERLIN, Isaiah. **Karl Marx**. São Paulo: Siciliano, 1991. Tradução Hélio Pólvora.

- DIAS SOBRINHO, José. **Educação Superior: Bem Público, Equidade e Democratização. Avaliação**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p.107-126, 01 mar. 2013. Trimestral.

- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4ª edição, Porto Alegre: Artmed, 2005. Tradução Sandra Regina Netz.

- IPEA (Org.). **Sistema de Indicadores de Percepção Social - Educação**. Brasília: Ipea, 2011. 28/02/2011.

- LOWI, Theodor. **The End of Liberalism. The Second Republic of the United States**, [ed. orig. 1969], 2ª ed., Nova York, W. Worton, 1979.

- MARX, Karl , ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Edipro, 2ª. Ed., 2ª. tir. – 2011. (Série Clássicos Edipro).

- SOROKIN, Pitirim A.. **Estruturas de Classes e Estratificação Social**. Org. Bertelli, Antonio Roberto. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1966

- SOUZA, Celina. **Políticas Públicas: uma revisão da literatura**. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 08, n. 16, p.20-45, 01 jul. 2006. Semestral.

- ProUni - <http://ProUniportal.mec.gov.br/> acessado em 28/03/2013, às 13h40.

- RIUTORT, Philippe. **Compêndio de sociologia**. São Paulo: Paulus, 2008 (Coleção Ciências Sociais).

9. ANEXO

ANEXO - Pesquisa Prouni

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa Políticas Públicas: ProUni. No caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação é muito importante para esta pesquisa, porém não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador (a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

NOME DA PESQUISA: Políticas Públicas: ProUni

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa. Carla Giuliani

ENDEREÇO: [REDACTED]

TELEFONE: (15) [REDACTED]

PESQUISADORES PARTICIPANTES: Carla Giuliani

PATROCINADOR: [REDACTED]

OBJETIVOS: Verificar impactos do ProUni através do acesso, permanência e inclusão profissional dos alunos bolsistas nos cursos de ensino superior [REDACTED]

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Os dados serão obtidos mediante um questionário a ser preenchido online. Haverá um contato prévio com cada participante, via telefone, visando informá-lo sobre a pesquisa. A pesquisa consiste em investigar o acesso e permanência do bolsista e sua inserção profissional, melhoria profissional e social.

RISCOS E DESCONFORTOS: Não haverá qualquer risco, constrangimento ou desconforto para o participante.

BENEFÍCIOS: Os dados coletados permitirão fomentar o debate sobre políticas de educação superior e seus impactos na inserção social e profissional dos ex-alunos.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não haverá qualquer custo ou ônus para os participantes da pesquisa. Os participantes da pesquisa não receberão qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação na pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Os dados coletados serão sigilosos, somente serão divulgadas as informações diretamente relacionadas aos objetivos da pesquisa.

* Required

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO *

Declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado (a) pelo pesquisador (a) contatante dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

- Sim
- Não

Nome: *

Seus dados não serão publicados

1. O que o curso realizado na ESAMC significou para você? Foi: *

- Muito importante
- Importante
- Pouco importante
- Sem importância

Porquê? *

2. Que impacto este curso teve em sua vida? Foi de: *

- Grande impacto
- Impacto moderado
- Pequeno impacto
- Nenhum impacto

Porquê? *



3. Qual a importância que esse curso teve para sua vida profissional? Foi: *

- Muito importante
- Importante
- Pouco importante
- Sem importância

Porquê? *



4. Qual sua ocupação atual? *

(descrição breve, uma ou duas palavras)

5. Você está contente com sua ocupação atual? Você está: *

- Muito contente
- Contente
- Pouco contente
- Descontente

Porquê? *



6. Você poderia revelar seu rendimento bruto mensal atual? *

7. Seu rendimento após o término do curso: *

- Melhorou muito
- Melhorou
- Melhorou pouco
- Não melhorou

8. Como avalia o fato de ter sido bolsista ProUni? Foi: *

- Muito importante
- Importante
- Pouco importante
- Sem importância

Porquê? *

9. Gênero *

- Masculino
- Feminino

Never submit passwords through Google Forms.